ELEMENTOS DE DESCRIÇÃO SINTÁTICA PARA UMA GRAMÁTICA DO KATUKINA

por

Maria Sueli de Aguiar

Dissertação apresentada ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de MESTRE EM LINGÜÍSTICA.

CAMPINAS - 1988

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Ao
Toinho e ao Filipe

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos são endereçados a todas as entidades que, de uma forma ou de outra, colaboraram no desenrolar desse trabalho:

- CACS - Campus Avançado de Cruzeiro do Sul: Dr. Enny;
- CAN - Correio Aéreo Nacional: Conte. da Base Aérea de Campo Grande/MS, Cel. Tang;
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior: Bolsa de Mestrado 1986-88;
- FAP - Fundo de Apoio à Pesquisa: Passagem aérea - 87;
- FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo: Bolsa de Iniciação Científica 1985;
- IBDF - Instituto Brasileiro de Defesa Florestal: Sr. Deda;
- IEL - Instituto de Estudos da Linguagem: Dra. Tânia, Márcio, Eduardo e Esmeralda;
- INCRA - Instituto Nacional de Reforma Agrária: Eng.Heleno, Suely e Auxiliadora;
- SDA - Secretaria de Desenvolvimento Agrário: Eng.Capibaribe, Janete e Paulo;
- 7º BEC - Batalhão de Engenharia e Construção: Cap. Rodrigues, Ten. Siqueira e Cel. Matuy.

Agradeço de forma muito especial à comunidade indígena Katukina, que foi hospitaleira e compreensiva durante minhas estadas na aldeia. Dentre todos os índios do grupo, gostaria de citar aqui aqueles que mais colaboraram como informantes e amigos. Eles são: kana, mai, jaka, nii, kapɨ, pɨnu e (in memorium) maʃi e mɨtʃu.

Meu sincero reconhecimento à minha admirável orientadora, que foi para mim uma amiga e realmente orientadora.

Devo também ser grata a todos meus amigos e colegas, que souberam me compreender e ajudar nas horas difíceis.

RESUMO

Nesta dissertação, apresentamos um estudo sobre a língua Katukina-Pano, uma língua falada por um grupo indígena cuja aldeia localiza-se no Estado do Acre.

Fazemos uma análise fonológica por se tratar de uma língua ágrafa, mas o fazemos de forma bastante resumida por não ser esse o tópico em que gostaríamos de fixar nossa discussão.

Analisamos também morfologicamente o Katukina , não de forma resumida, mas direcionada. Assim, observamos que nessa língua os termos não se identificam facilmente a nível morfológico e isso dificulta - e muito - classificá-los como integrantes de uma ou outra classe gramatical. Esses termos não se apresentam com nenhum tipo de marca inerente, o que parece ser comum a outras línguas da família Pano.

O que se colocaria como a discussão mais interessante deste estudo é a análise sintática, dividida aqui em dois níveis para facilitar a apresentação e a exposição dos problemas: um nível compreende a descrição de alguns elementos da sintaxe da língua, enquanto o outro trata da análise desses elementos dentro do quadro teórico de Regência e Vinculação.

Na parte descritiva, observamos que o Katukina tem marca morfológica somente para os tempos lógicos. Quanto à sentença, ela pode ter uma marca de fecho que se manifesta, obviamente, somente no final dela - o que ocorre também em outras línguas que, como o Katukina, pertencem à família Pano. Parece ser ponto comum, ainda, a forma

de marcar interrogatividade nessas línguas: é uma partícula a responsável por tal tarefa.

No exame dos dados à luz da Teoria, observamos que a interpretabilidade nessa língua se define com base na ordem dos constituintes. Assim, o $\bar{\bar{N}}_{OI}$ não precisa de um elemento morfológico para identificá-lo porque o verbo, que rege da direita para a esquerda, mantém o $\bar{\bar{N}}_{OD}$ antecedendo-o imediatamente e o $\bar{\bar{N}}_{OI}$ antecedendo o $\bar{\bar{N}}_{OD}$.

No Katukina, o COMP é inicial e FL final, sendo essa uma língua de núcleo final, apesar dela ser,tipologicamente, caracterizada como língua SOV.

ÍNDICE

Página de Rosto

Dedicatória

Agradecimentos

Resumo

ÍNDICE 1

INTRODUÇÃO 3

CAPÍTULO I: APRESENTAÇÃO DA LÍNGUA

I.1. As Línguas Pano 6

I.2. O Grupo Indígena 7

I.3. Localização 9

I.4. Dados Históricos 9

CAPÍTULO II: DA FONOLOGIA E DA MORFOLOGIA

II.1. Fonologia 14

II.2. Morfologia 21

II.2.1. O Sufixo $-n$ 21

II.2.2. Classes de Palavras no Katukina 21

CAPÍTULO III: QUADRO TEÓRICO DA ANÁLISE SINTÁTICA

III.1. Teoria da Regência e Vinculação 24

III.1.1. Teoria $\overline{X}$ 26

III.1.2. Princípio de Projeção 27

III.1.3. C-Comando 28

III.1.4. "Move α" 29

III.1.5. Teoria de Regência 30

III.1.6. Teoria de Caso 31

III.1.7. Funções Temáticas 32

CAPÍTULO IV: ELEMENTOS DE DESCRIÇÃO SINTÁTICA DO KATUKINA

IV.1. A Estrutura da Oração 34

IV.1.1. As Orações Declarativas . 35

IV.1.2. As Orações Interrogativas 36

IV.2. O Emprego do Sufixo 41

IV.2.1. Caso Genitivo 41

IV.2.2. Caso de Ergatividade 43

IV.2.3. Sintagmas Adverbiais 46

IV.3. Os Tempos Lógicos 47

IV.4. A Marca de Fecho das Sentenças .. 49

IV.5. A Ordem dos Constituintes 52

IV.5.1. Parâmetro de Ordem das Palavras 54

IV.5.1.1. Constituintes de $\overline{\overline{V}}$ 58

IV.5.1.2. Constituintes de $\overline{\overline{FL}}$ ... 61

IV.6. As Construções Interrogativas ... 63

IV.6.1. Sintagmas - QU 64

IV.6.2. Os Complementizadores ... 67

IV.6.3. Princípios e Pressupostos de Tipologia 68

IV.6.4. A Posição de COMP e FL .. 69

CONCLUSÃO 71

NOTAS FINAIS 73

BIBLIOGRAFIA 77

INTRODUÇÃO

Esta dissertação está sendo dirigida aos interessados em estudar e conhecer línguas indígenas e, principalmente, às pessoas preocupadas com as línguas da família Pano do Brasil. Sabemos que os estudos das línguas indígenas no Brasil ainda estão no começo apenas; especificamente da família Pano, temos quase nada de informação.

Apesar de termos como ponto de chegada a sintaxe de uma língua indígena, tornou-se necessário colocar no Capítulo I informações gerais sobre o Katukina para melhor situar o leitor na língua e no grupo. Nesse capítulo, apresentamos dados sobre as línguas Pano, localizando-as no Brasil, no Peru e na Bolívia. Nesse mesmo capítulo, veremos que o nome da língua Katukina, bem como seu grupo, não é o seu nome verdadeiro; parece razoável esse grupo não querer se identificar devido a sua história de contato; mas isso não julgamos oportuno colocar no interior deste trabalho, já que a preocupação, no momento, é a de analisar a língua Katukina e não as questões sócio-políticas do grupo. Mesmo sabendo que o nome que eles assumem para o branco não faz sentido para eles, só nos resta a opção de tratá-los como Katukina, por ser esse o nome com que eles aprovaram ser chamados.

No Capítulo II, fazemos uma análise resumida da fonologia, na tentativa de tornar clara a apresentação dos exemplos e também por ainda não ter sido estudado exaustivamente esse nível da língua. Quanto à outra parte desse mesmo capítulo, fizemos uma análise morfológica, não resumida, mas direcionada, levantando apenas alguns pontos

que parecem pertinentes ao conteúdo sintático, discussão final deste trabalho. A restrição de apresentar apenas esses pontos se justifica pela preocupação de atingirmos a maior objetividade possível e de conseguirmos que os leitores sintam nesse trabalho algo que forme um conjunto de partes integradas, sem informações desnecessárias em hora inoportuna e nem tampouco qualquer prolixidade.

A apresentação da teoria foi colocada no Capítulo III, antes da parte sintática. Quando começa a ser exposto o quadro teórico da Regência e Vinculação, é feito um apanhado geral com o objetivo de tornar claro tal modelo, não só para os gramáticos como também para os leigos nesse assunto. Desta forma, apresentamos, no início , alguns conceitos fundamentais da Teoria, com a intenção de dar uma base geral para os conceitos mais elaborados e mais abstratos.

Além de nos preocuparmos com especialistas de outras áreas que não a gerativa, é importante que seja apresentado apenas o que será utilizado no capítulo seguinte. E ainda, nesse capítulo, como em toda a dissertação , teve-se como objetivo conciliar as especialidades Lingüística Antropológica e Gerativa, mantendo um equilíbrio entre as duas áreas. Assim, os três primeiros capítulos estão, de certa forma, direcionados.

O Capítulo IV é a parte que tenta amarrar todas as questões apresentadas no decorrer desse estudo, Ainda, nesse capítulo, faz-se necessário colocar uma análise apenas descritiva, a fim de dar estrutura para o trabalho com os dados ao nível da teoria. Assim, a parte da sintaxe ao nível descritivo, que vai do item 1 até o 4, passa a ser

utilizado nessa análise dentro do quadro teórico da Regência e Vinculação. Essa última parte ficou restrita aos Ítens 5 e 6 apenas. Sabendo que essa teoria requer muita abstração e um conhecimento geral do funcionamento de cada módulo, torna-se mais prudente tomá-la parcialmente, discutindo nela somente os problemas que já estão claros na língua. De fato, nosso objetivo de estudo ainda é muito desconhecido; assim, não é viável testar vários pontos da teoria nessa língua.

Finalmente, cumpre lembrar que esta é uma dissertação de mestrado - não comprometida, portanto, com soluções de problemas mas tão somente com a colocação dos mesmos. Em particular, o leitor deve levar em conta que muito do percurso efetuado está omitido aqui e que a eventual falta de profundidade, no aspecto teórico, é fruto da falta de tempo que o acúmulo de trabalho com a língua propriamente dita justifica largamente.

CAPÍTULO I

Apresentação Geral da Língua

I.1. As Línguas da Família Pano

A família lingüística Pano reúne cerca de trinta línguas, incluindo nesse número também as línguas já extintas. Essas línguas estão espalhadas entre o Amazonas e a montanha boliviana, tendo de um lado o Peru e de outro, o Brasil. Elas se distribuem da seguinte forma: quatorze no Peru, doze no Brasil e apenas duas na Bolívia (Pacahuara e Chacobo).

As línguas dessa família têm sido menos estudadas no Brasil do que no Peru. Segundo Corbera (1985), essas línguas foram as mais estudadas naquele país.Isso se deve a vários fatores, sendo um deles o interesse do governo peruano em promover a educação bilingüe a todos os povos indígenas. Esse processo de educação tornou-se possível através do Ministério da Educação, que o planejou e realizou em quase todo o território nacional do Peru.

Esse ensino bilingüe articulado pelo Ministério da Educação tornou-se viável devido à instalação do SIL (Summer Institute of Linguistic) em 1943, que contou com total apoio governamental, e que, em contrapartida , atuou diretamente na implementação desse ensino planejado.

Um outro motivo, que diz respeito diretamente às línguas Pano, se deve ao fato de que a sede central do SIL foi construída em Yarinacocho, região amazônica do

Peru, onde estão localizadas as línguas Pano. Assim sendo, elas foram mais estudadas que as outras.

As línguas da família lingüística Pano no Brasil estão situadas basicamente no Estado do Acre. Este Estado é considerado um dos mais isolados devido às suas características geográficas e também às questões políticas, e somente nos últimos anos é que se começou a desenvolver pesquisas nas diversas áreas do conhecimento, inclusive nas áreas da Antropologia e da Lingüística, que estão,ainda, apenas começando.

Apesar de pouco estudada, encontramos dois artigos importantes sobre as línguas da família Pano do Brasil, um de Paul Rivet (1920) e outro do mesmo autor com Constant Tastevin (1927).

Um outro material que consideramos relevante para o estudo das línguas desta família, no Brasil, é o livro de Capistrano de Abreu (1914) sobre a língua Kaxinawã. Ele é reconhecido como a pessoa que fez o melhor e mais completo estudo sobre uma língua Pano no Brasil, até os nossos dias.

E é com uma língua desta família lingüística que iremos trabalhar - o Katukina -, falada por aproximadamente trezentas pessoas.

I.2. O Grupo Índigena

O grupo índigena que nos forneceu os dados lingüísticos para este estudo é conhecido pelo nome de Katukina, que é também o nome de sua língua.

Há, porém, grandes possibilidades desse grupo

(e até mesmo sua língua) não se chamar katukina. Baseado apenas em elementos puramente lingüísticos,observamos que a palavra Katukina não pode ter sido o nome desse grupo , por ela não pertencer ao léxico das línguas Pano. Outro dado que nos parece relevante considerar é que os membros deste grupo não usam esta palavra nem como empréstimo. Além disso, há uma questão de ordem antropológica, que é o fato de o grupo não se autodenominar como Katukina , o que reforça a nossa hipótese de que este grupo poderia não ter se chamado Katukina originalmente, e que a atribuição deste nome ao grupo tenha sido um equívoco (I.2.2) relacionado com os grupos da família Katukina. Quando tentamos levantar, através dos informantes, o significado do nome Katukina na língua deles, para justificar o nome do grupo , descobrimos que nenhum índio sabe seu significado.Esse resultado evidencia que o nome através do qual eles se identificam havia sido colocado pelos brancos. E que deveria existir um outro nome usado por eles antigamente.

Embora sabendo que esse grupo não se autodenomina como Katukina, é assim que ele será tratado no decorrer deste trabalho.

Até o momento, sabemos ao certo apenas que esse grupo é formado por cinco clãs que são: βari-nawa (povo do sol), nai-nawa (povo do céu), kamã-nawa (povo da onça) , sata-nawa (povo da lontra) e wani-nawa (povo da pupunha[1]).

Esses índios Katukina vivem basicamente da caça, da pesca, da coleta e do roçado. Para ajudar na economia de sobrevivência, eles também trabalham na extração de borracha. Com relação aos hábitos culturais, eles ainda conservam alguns, mas o mais importante e que tem grande valor é

a sua língua nativa. Esta permanece viva para eles, tanto que, apesar de ser um grupo bilingüe, a língua Portuguesa, que é a sua segunda língua, é usada somente em casos de extrema necessidade.

I.2.1. Localização Geográfica

O grupo Katukina, com o qual nos propomos a trabalhar, ocupa duas reservas, a do Olinda e a do Gregório. A primeira está localizada entre os rios Campinas e Vai-Vem, afluente do rio Liberdade, que por sua vez é afluente do rio Juruá. A do Gregório se encontra no seringal Sete Estrelas. Ela é cortada pelo rio do mesmo nome, Gregório, também afluente do rio Juruá. A reserva do Olinda fica no Município de Cruzeiro do Sul e a do Gregório, no Município de Tarauacá, ambas no Estado do Acre.

I.2.2. Dados Históricos

As primeiras informações obtidas sobre os índios da região do Acre foram fornecidas por participantes de expedições organizadas para a extração de produtos florestais, no início do século XIX.

De acordo com o que dissemos acima, o grupo a que chamamos de Katukina, provavelmente no passado, teria um outro nome.

Sabemos que essa atribuição de nomes não é um problema apenas desse grupo. Temos informações de que vários grupos indígenas têm o mesmo nome, daí termos mais de um grupo denominado Katukina, o que gera vários problemas

na identificação dos mesmos. E é por este motivo que estes grupos chamados de Katukina, no Estado do Acre, criaram uma forma própria de se referir um ao outro, usando o nome de alguma coisa relevante que esteja situada no local ocupado por cada grupo. Por exemplo, o grupo Katukina que ocupa as margens do rio Campinas é conhecido como Katukina do Campinas ou do Olinda, que é também o nome de um rio importante nas imediações da aldeia. Do mesmo modo, um outro grupo Katukina, localizado no Município de Feijó, às margens do rio Envira, é conhecido como Katukina do Feijó.

Esse problema provavelmente deve acontecer, também, com as tribos que são denominadas de Katukina nos altos cursos dos Rios Purus e Juruá, no Estado do Amazonas.

Sabemos que a questão de atribuição de nomes aos grupos indígenas Katukina já vem se colocando há algum tempo. Em 1924, foi publicado um artigo de Tastevin, um missionário francês que trabalhava na Prelasia de Tefé-AM, a qual compreendia parte do Amazonas e do Acre. Em contato com os Katukina do Juruá no Acre, ele descreve o seguinte diálogo:

"Mais étaient ils vraiment Katukina? J'étais anxieux de le savoir. Les vrais Katukina, les Atekena, ne se tatonent pas avec des couleurs indélébiles. Ils se couvrent tout le corps de dessins rouges et noirs, mais ce sont des dessins qui durent au plus quinze jours, et qu' ils ont soin de renouveler et de varier chaque matin. Cela donne plus de travail, mais c'est bien plus élégant . Après avoir rompu la première glace, j'abordoi la grave questoin.

"—Etes-vous vraiment Katukina? Quelle sorte de gens êtes-vous?

"—Nous sommes Katukina!

"—Pourquoi alors parlez-vous la langue des Katu chinawa? Ne seriez-vous pas des Kachi-nawa?

"—Nous, des Kachi-nawa! Mais les Kachi-nawa sont nos ennemis. Les Kachi-nawa sont des mangeurs d'hom mes, des assassins, des voleurs, des paresseux. Nous au tres nous sommes de braves gens, nous ne faisons mal à personne et nous sommes travailleurs: regarde nos champs, notre mais, notre manioc, nos bananiers!

"— Mais pourquoi done ne parlez-vous pas la langue des autres Katukina; Hon-dyapa, Benh-dyapa, Wadyu paraninh dyapa, etc...? A quelle dyapa appartenez-vous ? ... Vous ne répondez pas? C'est que vous n'êtes pas des Katukina. Ne seriez-vous pas Huni-kui (vrais hommes) com me les Kachinawa?

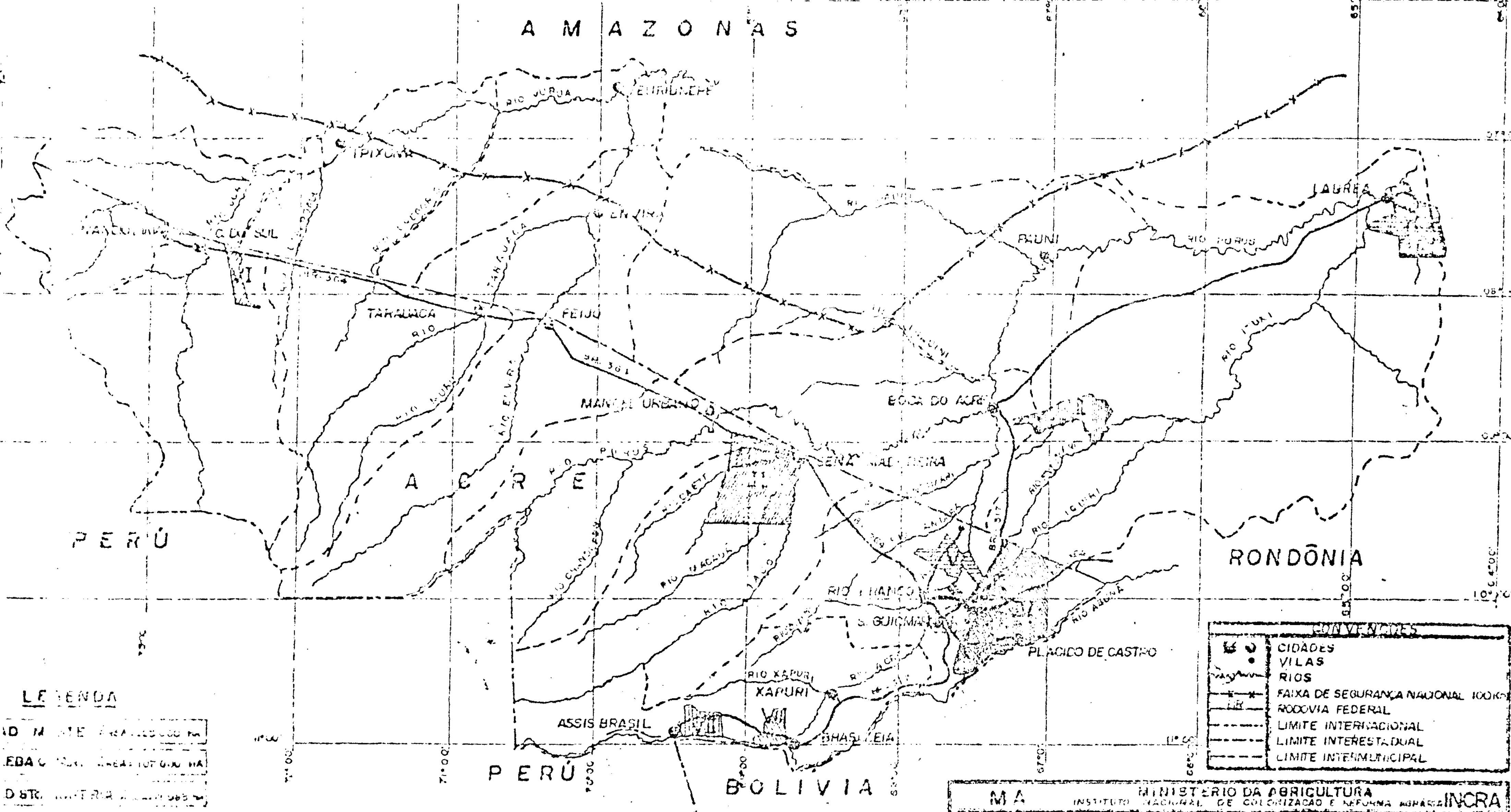
"—Non, père, nous nous appelons Nuke (nouke) , les hommens.

"—Bien! mais n'auriez-vous pas aussi un autre nom comme les Kachi-nawa (vampires); les Poya-nawa (cra pauds); les Chipinawa (ouistitis); les Kapa-nawa (êeureu ils); les Mari-nawa (agoutis), etc...?"(2)

Assim, o problema de várias tribos indígenas com o mesmo nome se deve à forma como esses nomes foram atribuídos.

Historicamente, os nomes das tribos desta re gião foram atribuídos pelos primeiros historiadores, ex ploradores e seringueiros que chegaram às bacias dos rios Juruá e Purus. Eles se baseavam nos ornamentos , sinais

ou marcas no corpo apresentados pelos índios para nomeá-los. Esse fato é o responsável pela denominação dos vários grupos indígenas da região com o mesmo nome, uma vez que muitos desses ornamentos e marcas no corpo eram comuns a todos esses grupos indígenas.



LEGENDA

PAD'S / [illegible]	VI ÁREA 317.566 HA PEDRO PEIXOTO	II ÁREA 276.646 HA BOA ESPERANÇA	V ÁREA 63.861 HA HUMAITÁ	VIII ÁREA 54.112 HA QUIXADÁ	VI ÁREA 65.700 HA STa LUZIA	TOTAL
[illegible]ADE [illegible] ABSORÇÃO	3.688	2.500	907	1.455	800	9.350
[illegible]	3.815	442	809	520	118	5.704
[illegible] 1983	1.200	300	140	460	400	2.500

MA — MINISTÉRIO DA AGRICULTURA — INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA — INCRA

DEPARTAMENTO DE RECURSOS FUNDIÁRIOS-DF

COORDENADORIA ESPECIAL DA AMAZÔNIA OCIDENTAL — CEAO

GRUPO DE INFRA-ESTRUTURA FÍSICA - GDI

DENOMINAÇÃO DA ÁREA	ÁREA	CONFERE
ESCALA 1:4000[illegible] / MUNICÍPIOS	ESTADO ACRE	

CAPÍTULO II

Da Fonologia e da Morfologia do Katukina

Por ser objetivo desta dissertação expor e discutir alguns aspectos da sintaxe da língua Katukina, cuja análise pressupõe o conhecimento tanto da fonologia quanto da morfologia, vamos apresentar, neste capítulo, alguns dados de natureza fonológica e morfológica, apenas na medida em que contribuem para a exposição e interpretação dos fatos sintáticos estudados no Capítulo IV.

II.1. Fonologia

Oliveira (1985) e Aguiar (1985) fizeram ensaios preliminares de análise fonêmica do Katukina, e Barros (1987) apresentou uma dissertação de mestrado especificamente sobre a fonologia desta língua. Assim sendo, a descrição fonêmica adiante exposta limita-se aos elementos básicos para justificar a transcrição adotada e permitir a apreciação de exemplos utilizados.

Utilizaremos aqui o alfabeto da Associação Fonética Internacional (IPA). Os nossos dados foram coletados no campo, diretamente de informantes nativos do Katukina e incluem materiais como: ítens lexicais avulsos, sentenças e textos (dialógicos e narrativos). Quanto à análise, foi utilizado o método de K.L.Pike, exposto por Kindell (1981).

Os segmentos sonoros encontrados na língua Katukina são apresentados nas tabelas fonéticas a seguir.

Tabela Fonética das Consoantes

Modo de Articulação / Ponto de Articulação		Labiais	Dentais	Retroflexas	Palatais	Velares	Glotais
Oclusivas	surdas	p	t̪			k	ʔ
	sonoras	b	d			g	
Nasais	sonoras	m	n		ɲ		
Fricativas	surdas		s	ʂ	ʃ		h
	sonoras	β	z	ʐ	ʒ		
Africadas	surdas			ʈs	ʈʃ		
	sonoras				ʤ		
Aproximantes		*ɾ			ɻ	w	

* Há dúvidas a respeito deste som, se ele é realmente aproximante ou tap.

Tabela Fonética das Vogais

	Anteriores não arredondadas	Centrais não arredondadas	Posteriores arredondadas
Alta	ɪ ĩ	ɨ ɨ̃	u ũ
Média	e ẽ	ɜ	o õ
Baixa		a	

Os segmentos registrados nas tabelas fonéticas organizam-se nos fonemas abaixo especificados:

/p/ [b] ocorre somente quando está antecipado de segmento nasal;
ex: [kɜ̃ˈbuˀ] /kanpu/ 'sapo verde'

[p] ocorre nos demais ambientes (n.d.a.);
ex: [taʃiˈpaˀ] /taʃipa / 'bacia'

/t/ [d] ocorre somente quando está antecedido de segmento nasal;
ex: [ĩɲɜ̃ˈdaˀ] /inanta / 'ontem'

[t] n.d.a.;
ex: [βaˈtaˀ] /βata / 'mel'

/k/ [g] ocorre somente quando está antecedido de segmento nasal;
ex: [kɜ̃ˈgɜ] /kankan/ 'abacaxi'

[k] n.d.a.;
ex: [takaˈraˀ] /takara / 'galinácea'

/m/ [m] em todos os ambientes;
ex: [maˈpuˀ] /mapu / 'cabeça'

/n/ [n] ocorre somente quando está antecedido de vogal anterior alta nasalizada;
ex: [puĩˈnɜ̃] /puinan / 'braço'

[n] n.d.a.;
ex: [maˈniˀ] /mani/ 'banana'

/s/ [z] ocorre somente quando antecedido de segmento nasal;

ex: [nĩ'za?] /ninsa/ 'jaboti'

[s] n.d.a.;

ex: [si'ni?] /sini/ 'juriti'

/ʂ/ [ʐ] ocorre quando está antecedido de segmento nasal;

ex: [ʂinɜ̃'ʐi?] /ʂinanʂi/ 'semente'

[ʂ] n.d.a.;

ex: [ma'ʂi?] /maʂi/ 'urucum'

/ʃ/ [ʒ] ocorre somente quando está antecedido de segmento nasal;

ex: [nĩ'ʒu?] /ninʃu/ 'macaco preto'

[ʃ] n.d.a.;

ex: [ma'ʃi?] /maʃi/ 'areia'

/h/ [h] ocorre somente no início de palavra;

ex: [hu'ni?] /huni / 'homem'

/ʧ / [ʤ] ocorre somente quando está antecedido de segmento nasal;

ex: [ʧɜ̃'ʤu?] / ʧantʃu / 'cajú'

[ʧ] n.d.a.;

ex: [ʧa'ka?] / ʧaka/ 'massa'

/ʦ / [ʦ] em todos os ambientes;

ex: [ʦa'ʦa?] /ʦa'ʦa / 'peixe'

/β/ [β] em todos os ambientes;

ex: [βaˈɾi̥] /βaɾi/ 'sol'

/ɾ/ /ɾ/ em todos os ambientes;

ex: [ɾaˈβiʔ] /ɾaβi/ 'dupla'

/j/ [j] ocorre no início e fim da sílaba;

ex: [jaˈmeʔ] /jami/ 'noite'

ex: [majˈteʔ] /majti/ 'cocã'

/w/ [w] ocorre no início de sílaba;

ex: [waˈsiʔ] /wasi/ 'capim'

/i/ [i] ocorre em qualquer ambiente;

ex: [kaˈpi] /kapi/ 'jacaré'

[e] variação livre;

ex: [ʂiˈteʔ] /ʂiti/ 'dente'

[seˈtiʔ] /ʂiti/ 'dente'

/u/ [o] variação livre;

ex: [koˈɾoʔ] /kuɾu/ 'roxo'

[u] [kuˈɾoʔ] /kuɾu/ 'roxo'

/a/ [ɜ] quando nasal;

ex: [tɜ̃ˈdʒuʔ] /tantʃu/ 'caju'

[ª] quando oral;

ex: [kaˈhaˀ] /kana/ 'relâmpago'

O segmento [ˀ] não constitui um fonema, pois sua ocorrência é automática e, portanto, sem capacidade definitiva. Ele ocorre somente na última sílaba de palavras finalizadas por vogal oral.

Quanto aos segmentos fonéticos vocálicos nasais, eles foram interpretados como realização de seqüência de vogal oral e consoante nasal (VN). Sendo assim, o Katukina tem somente uma série de fonemas vocálicos.

A seguir apresentamos a tabela fonêmica das consoantes e outra das vogais.

Tabela Fonêmica das Consoantes

Ponto de Articulação / Modo de Articulação	Labiais	Dentais	Retroflexas	Palatais	Velares	Glotais
Oclusivas	p	t			k	ʔ
Nasais sonoras	m	n				
Fricativas	β	s	ʂ	ʃ		h
Africadas		ʦ		ʧ		
Aproximantes		ɾ		j	w	

Tabela Fonêmica das Vogais

	Anteriores não arredondadas	Centrais não arredondadas	Posteriores arredondadas
Altas	i	ɨ	u
Baixas		a	

A estrutura silábica do Katukina pode ser representada pela fórmula (C) V (C).

Exemplos:

- /βa.ta/ 'mel'
- /pus.tu/ 'barriga'
- /a.nu/ 'paca'
- /ta.ɾi/ 'roupa'
- /mun.tʲis/ 'unha'
- /ʃa.u/ 'osso'
- /maj.ti/ 'cocar'
- /piʃ.kin/ 'axila'

Apenas os fonemas consonantais /n/, /s/, /ʃ/ e /j/ foram encontrados em posição final de sílabas, como se vê nos exemplos acima.

O acento de intensidade, ao nível de palavra, ocorre sistematicamente na última sílaba, de modo que, nesse nível, ele não tem capacidade distintiva.

II.2. Morfologia

II.2.1. O Sufixo -n

A língua Katukina apresenta uma marca de nasalidade na forma de sufixo -n.

Essa forma será explicada quanto à sua função, em (IV.2). Ela se manifesta nos elementos lexicais terminados em vogal. Por exemplo, ɾunu:ɾunun 'cobra' ; kapi: kapin 'jacaré'; kana:kanan 'relâmpago'; pia:pian 'flecha'.

Quanto aos termos lexicais terminados em consoantes, temos apenas um exemplo: kaman:kamanan 'cachorro' e 'onça' que, coincidentemente, termina em n. Sendo assim, não comentaremos sobre os termos lexicais terminados em consoantes, por falta de dados suficientes para definirmos se o sufixo -n se manifesta na forma -nan ou -an nesse ambiente. Como essa definição não se faz necessária para o nosso estudo, essa questão ficará fora do escopo deste trabalho.

II.2.2. As Classes de Palavras em Katukina

Preocupados em classificar os ítens lexicais da língua Katukina, verificamos que esses ítens não têm uma característica inerente para facilitar a sua classificação. Assim sendo, não encontramos morfemas que os caracterizem como pertencendo a uma classe ou a outra. O que de mais forte lhes atribui funções é a sua posição , que discutiremos em (IV.5), quando mostraremos que a

ordem dos constituintes é fixa.

Admitindo que os ítens lexicais não podem ser classificados isoladamente na língua, aproveitamos para apresentar a opinião de Capistrano de Abreu, um estudioso do Kaxinawá, que também é uma língua Pano.

Segundo Abreu (1914:13), "no Kaxinawá as partes do discurso mostram-se muito instáveis, a cada passo dão-se transgressões de uma para outra categoria:palavra com o ing. "grave" que pode ser substantivo, adjetivo e verbo são a generalidade". Isso nos faz pensar que nessa questão as línguas Kaxinawá e Katukina se parecem. Desta forma, nos parece claro que no Katukina, dentro do que nos foi possível analisar, não tem marcas morfológicas que caracterizem classes de palavras.

Sabendo que os termos lexicais revelam-se morfologicamente invariáveis e que eles são basicamente acrescidos de um outro termo, morfena ou não, para alterar o significado, não achamos essa questão pertinente à morfologia; mesmo assim, ilustraremos com alguns exemplos abaixo:

a) Termos com o elemento lexical intensificador : kuin

nukɨ	'nós'
nukɨ-kuin	'nós mesmos'
huni	'homem'
huni-kuin	'próprios homens'
anipa	'grande'
anipa-kuin	'bem grande'
ɾuapa	'bonito'

ɾuapa-kuĩn 'bem bonito'

b) Termos com o elemento lexical de tempo lógico[1]: aĩ, βaĩ e kaĩ

ɾuapa-βaĩ	'era bonito'
anĩpa-βaĩ	'era grande'
pĩ-aĩ	'come(ndo)'
pĩ-kaĩ	'comerá'
pĩ-βaĩ	'comeu'

Os exemplos de (a) com o termo kuĩn sugerem que esse elemento não seja um morfema, pois ele co-ocorre com vários outros termos lexicais e mantém um significado próprio, e o mesmo parece ocorrer com as marcas de tempo lógico: aĩ, βaĩ e kaĩ. E ainda, todos eles são livres para aparecer na oração, por exemplo, quando o "verbo" não se manifesta morfologicamente.

Admitindo esta possibilidade, torna-se mais forte nossa hipótese de que os termos lexicais dessa língua não se constituem, a princípio, como classes morfológicas distintas de forma evidente, o que vai ao encontro do que disse Abreu (1914) sobre o Kaxinawá.

CAPÍTULO III

Quadro Teórico da Análise Sintática

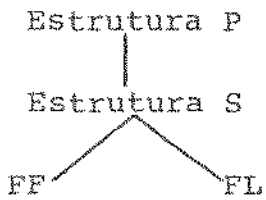
III.1. Teoria de Regência e Vinculação

A teoria de Regência e Vinculação foi desenvolvida inicialmente por Chomsky. Podemos dizer que essa teoria baseia-se na Gramática transformacional. Uma das características da teoria de Regência e Vinculação que a distingue das demais é que ela faz uso de operações transformacionais. Entretanto, esse não é um dos aspectos mais importantes da teoria.

Essa teoria tem revisado muito da terminologia da Gramática transformacional, pois enquanto esta distingue apenas dois níveis de análise, a estrutura profunda e a superficial, a teoria de Regência e Vinculação se estabele em quatro níveis, Estrutura P, Estrutura S, Forma Fonológica e Forma Lógica.

Podemos observar a relação interna desses componentes através da representação (A) abaixo:

(A)



Esses níveis são definidos da seguinte forma:

Estrutura P: é uma representação pura das relações de dependência lexical e de subcategorização. Ela é

o reflexo estrutural das propriedades selecionais dos elementos lexicais de um determinado enunciado;

Estrutura S: é criada a partir da estrutura profunda, constituindo-se em uma representação das relações hierárquicas e lineares que se verificam entre os constituintes de um dado enunciado, e mesmo no interior de cada um desses constituintes. Note-se que este é um nível mais abstrato que a estrutura profunda, na medida em que contém uma série de elementos nulos e apresenta conteú dos argumentais fora da sua posição original.

Forma Fonológica: é o componente que tratará especificamente da estrutura fônica dos enunciados. Ela interage com a ordem de palavras através de regras estilísticas mas a Forma Fonológica não se limita apenas a uma questão estilística. Por exemplo, o Filtro de Caso atua nessa Forma. Além disso, há inúmeras conexões entre entoação e sentido, e não há como dar conta dessas conexões sem assumir que há ligações direta entre a fonologia e a semântica nesse modelo gramatical.

Forma Lógica: é o núcleo da gramática que representa as propriedades semântico-lógicas fundamentais de um enunciado, tais como o valor dos elementos quantificadores ou do operador de predicação, a relação dos elementos interrogativos/variáveis, etc. Isso é o que se pode chamar de "sentido estrutural" de uma sentença.

III.1.1. Teoria $\overline{X}$

A teoria $\overline{X}$ foi desenvolvida em 1970 e desempenha

um papel importante para a teoria de Regência e Vinculação.

Este módulo representa uma simplificação considerável no componente de estrutura frasal, já que a sintaxe $\bar{X}$ mostrou que as regras de reescritura não seriam categorialmente específicas, mas poderiam ser colocadas em termos neutros no que diz respeito ao estatuto categorial dos elementos, o que pode ser ilustrado pela regra de estrutura básica da frase.

(B) a. X" ...X'...

b. X' ...X ...

Nesse esquema, o X da regra (b) representa as categorias lexicais (N,V,P,A) que dominam diretamente o item lexical. O X funciona como núcleo da categoria. A categoria hierarquicamente mais elevada chama-se projeção máxima.

As estruturas projetadas conforme esse esquema cairão, por outro lado, sob a ação do Princípio da Interpretação Plena (Chomsky, 1985).

Esse Princípio de Interpretação Plena tem base na Forma Fonológica e na Forma Lógica. Os elementos de uma oração devem ser legitimados por interpretação apropriada, o que equivale dizer que a interpretação deve se dar através ou da subcategorização ou da predicação.

No final de 1970 percebeu-se que havia uma grande redundância no sistema de regras de estrutura de frase e na estrutura de subcategorização. Por exemplo, a informação que o verbo transitivo está seguido por um

NP-objeto foi colocada tanto na regra de expansão VP quanto na estrutura de subcategorização do verbo. Do ponto de vista da Regência e Vinculação, as regras de estrutura de frase não têm meios teóricos apropriados para localizar a estrutura complementar do item lexical, como tem a subcategorização.

Muitas projeções máximas (SA, SN, SP, $\overline{S}$ ou SV) podem ser o argumento para um núcleo, pelo princípio de subcategorização, pois, diferentes núcleos selecionam diferentes elementos de um conjunto de projeções máximas e seus argumentos. Por exemplo, o verbo comer seleciona SN, pensar seleciona $\overline{S}$, por já seleciona SP. Usando a terminologia adotada por Chomsky (1984) (proposto em Pesetsky , 1982), podemos dizer que cada verbo e-selects ('e' para categoria) um certo subgrupo de uma seqüência de projeções máximas.

A subcategorização é usada como um filtro e deve ser respeitada em todos os níveis de análise.

III.1.2. Princípio de Projeção

O Princípio de Projeção é um princípio fundamental da teoria de Regência e Vinculação: ela é responsável por muitas deduções que leva a hipóteses que são de caráter distintivo na teoria. Por exemplo, ela situa uma restrição no levantamento entre estrutura profunda e Forma Lógica de forma que, se há uma posição SN em certa configuração estrutural para um nível, esta posição SN deve estar presente em todos os níveis.

Em uma construção passiva, o objeto da estrutura profunda pode mover-se para a posição de sujeito. A posição de sujeito está lá por uma extensão do Princípio de Projeção. Quanto à posição de objeto, está lá autorizada pelo verbo, subcategorizada por ele.

III.1.3. C-Comando

A noção de c-comando é uma noção estrutural que explicita a relação que existe entre α e a sub-parte da árvore que essa categoria α, hierarquicamente superior, domina.

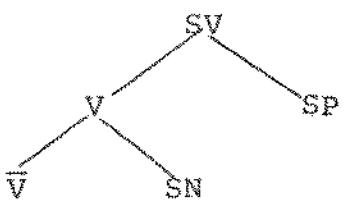
Há várias definições de c-comando que têm sido propostas nas literaturas em Regência e Vinculação, motivadas por diferenças de ordem empírica. Assim, o que estamos considerando como definição de c-comando é o que colocamos em (C):

(C) c-comando

α c-comanda β se e somente se todas as projeções máximas dominando α dominam β.

Ilustraremos tal conceito, com uma estrutura de árvore, para melhor esclarecer a definição de c-comando em (D).

(D)



De acordo com a estrutura (D), pode-se dizer que o V c-comanda SN e SP.

III.1.4. "Move α"

"Move α" é a propriedade que permite a mudança de alguma coisa para algum lugar, ou melhor, que permite a mudança de qualquer elemento da sentença para qualquer lugar. Contudo, o "move α" é controlado por princípios da teoria que não permitem, por exemplo, que o princípio de projeção seja violado.

A condição de subjacência também é um princípio que controla "move α". Ela exige que os movimentos se apliquem no mesmo ciclo, ou em ciclos adjacentes. Isto é, nenhuma regra cíclica pode deslocar um sintagma Y para a posição X e nem o contrário. O esquema (E) representa isso claramente, onde α e β são nódulos cíclicos.

(E) $\ldots X \ldots \underset{\alpha}{[} \ldots \underset{\beta}{[} \ldots Y \ldots] \ldots X \ldots$

Os pontos que vão interagir com a Condição de Subjacência são: (1) o fato de que o deslocamento de um elemento QU só se faz para a posição de COMP e, (2)a Condição de Ciclicidade Sucessiva, à qual exige que os movimentos se realizem, sucessivamente, da categoria cíclica mais encaixada até alcançar a mais alta.Por exemplo,a seqüência (a) não pode ser derivada a partir do seu marcador inicial:

(a) COMP João acredita[em[o boato[de[COMP Maria beijou QU alguém]]]]

O deslocamento de QU só se faz para uma posição COMP e não há uma posição de COMP para receber a palavra QU no SN o boato, note que ela não pode ser derivada por aplicações cíclicas e sucessivas de deslocamento QU; e não pode ser derivada diretamente com o sintagma-QU indo diretamente para a posição inicial COMP, porque o Princípio de Subjacência o proíbe (Lobato, 1986).

III.1.5. Teoria de Regência

A teoria de Regência, ou governo, "é uma teoria acerca das relações entre o núcleo de uma construção e as categorias dele dependentes" (Lobato, 1986:425). É uma teoria que tem como objetivo formalizar a noção de complementação. Assim, ela deve determinar:

(i) que elementos podem reger (governar) e em que condições;

(ii) que elementos podem ser regidos (governados) e em que condições;

(iii) qual a condição estrutural para se dar regência (governo).

Desta forma, pode-se dizer que: (i) os elementos que podem reger são os núcleos lexicais (N,V,A,P, ou seja, X^{o}) e FL; (ii) os elementos regidos por N,V,A,P são os seus complementos; e (iii) a condição estrutural para haver regência é a de c-comando.

A noção de regência pode ser definida como em (2) (Chomsky, 1982:19):

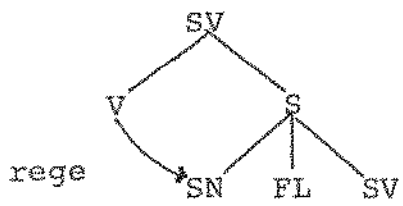
(2) Regência:

α rege β se e somente se:

(i) $\alpha = X^{o}$ ou [+TEMPO]

(ii) αc-comando β e β não está protegida de α por uma projeção máxima (quando há uma projeção máxima que inclui β mas não inclui α).

(E)



III.1.6. Teoria de Caso

Em línguas como o Inglês e o Francês há uma diferença fundamental entre as sentenças com o verbo no tempo infinitivo e as que apresentam o verbo no tempo finito, pois nessas línguas as sentenças infinitivas não podem aparecer sem um sujeito explícito.

Para explicar esse contraste, Vergnaud sugeriu que a grande diferença que há entre o sujeito de uma oração infinitiva, ou seja, sem tempo, e o sujeito de uma oração com tempo; é o fato de apenas esse último ocupar uma posição para a qual é assinalado um caso (abstrato em muitas línguas, mas muitas vezes marcado morfologicamente também).

Essa primeira intuição foi reelaborada por Chomsky, e a atribuição de caso ficou definida da seguin

te forma: um NP deve ser marcado por Caso por uma categoria lexical que o governa; FL[+TEMPO], V e P são atribuidores de Caso. Assim, um NP terá Caso Nominativo, se ele for regido por FL[+TEMPO]; Caso Objetivo, se ele for regido por V; e Oblíguo, se ele for regido por P.

O Filtro do Caso se aplica na Forma Fonológica, dizendo que é agramatical uma construção $[_{N''}\alpha]$ se α é dotado de uma matriz fonética e não é marcado por Caso.

Há uma diferença fundamental entre as sentenças com verbo no finito, em línguas como o inglês e o francês, pois não admitem sentenças infinitivas sem um sujeito explícito.

III.1.7. Funções Temáticas

Certos elementos da língua têm a propriedade de funcionar em associação com outras expressões que os completame para as quais atribuem uma função semântica . Esses elementos são conhecidos como "categorias - operadores" ou "predicados" e as unidades que eles selecionam chamam-se "argumentos".

Dentro da teoria de Regência e Vinculação, o "papel temático" (ou "função temática") é a função semântica particular que um argumento toma com respeito ao predicado que o seleciona. Este módulo, de natureza semântica-lógica, procura definir que classe de expressões de uma língua pode funcionar como argumento (sendo, portanto, classificadas como [+ argumento]) e que classe de expressões não pode funcionar como argumento (recebendo a classificação [-argumento]).

Deste modo, argumentos são os NPs com interpretação referencial; NPs com núcleo lexical, pronomes, anáforas lexicais, e outros como os domínios sentenciais , ou seja, categoria-operadores são todos os elementos lexicais: V,N,P e A.

Posição temática será, então, toda posição sintática para a qual um núcleo lexical marca uma função temática, por exemplo, Agente, Tema, Meta, etc.As posições temáticas formam um subgrupo do conjunto das posições A, isto é, das posições que podem ser ocupadas por um conteúdo [+argumento]. Sendo assim, toda posição temática é uma posição A, mas nem toda posição A é uma posição temática.

Então, uma posição temática é aquela que cumpre uma função gramatical dada, tal como: sujeito, objeto, e assim por diante. Deste modo, é possível perceber que a definição de posição temática e o processo de marcação temática são sensíveis exclusivamente às características estruturais das representações sintáticas.

O critério temático pode ser enunciado da seguinte forma: todo argumento suporta uma e apenas uma função temática e toda função temática é atribuída a um e apenas um argumento (Chomsky, 1982).

CAPÍTULO IV

Elementos de Descrição Sintática do Katukina

Neste capítulo nos ocuparemos com alguns elementos de descrição sintática do Katukina. Nossa proposta é a de utilizar na análise o quadro teórico de Regência e Vinculação (ver Capítulo III). Como já é de nosso conhecimento, esta língua foi muito pouco estudada,o que dificulta e muito a nossa análise. Faremos uma discussão na qual apenas alguns pontos dessa teoria serão levantados, deixando o peso maior quase que exclusivamente para o empírico, sem deixar de considerar os pontos que achamos relevantes retomar em um outro momento.

IV.1. A Estrutura da Oração

Tentaremos formular as regras que especificam as seqüências oracionais bem formadas na língua Katukina -Pano.

Constatamos, através das sentenças declarativas simples[(1)], que a língua Katukina obedece à ordem frasal Sujeito-Objeto-Verbo. O que estamos entendendo por sentenças declarativas simples são aquelas sentenças que são constituídas de sujeito e predicado em contexto não marcado (sem ênfase). O predicado dessas sentenças é composto por verbo e objeto(s).

IV.1.1. As Orações Declarativas

Considerando que as orações declarativas no Katukina são as orações que têm a estrutura mais simples, resolvemos tomá-las para verificar a ordem oracional da língua.

Através dos exemplos abaixo, podemos observar que a ordem obedecida pelos constituintes, que garante a boa interpretação das relações gramaticais na língua, é do tipo SOV.

(1) ɬa-n ɬakaɾa apipaɟ iki
eu-n galináceo comer
'Eu comi galinha'

(2) ɬa-n mia ʃutu βai
eu você empurrar
'Eu empurrei você'

(3) ɬunku-n βaʈʝi ipuβai
tartaruga-n ovo enterrar
'A tartaruga enterrou os ovos'

(4) haa-n kankan apipaɟ
ele(a)-n abacaxi comer
'Ela comeu abacaxi'

(5) ɬa-n ɬuka kaski βai
eu-n cuia quebrar
'Eu quebrei a cuia'

(6) kujuska naʃi kai

eles tomar banho

'Eles tomam banho'

(7) ɨa aʈsa ʈukiapa βai

eu mandioca cortar

'Eu cortei a mandioca'

IV.1.2. Os Orações Interrogativas

Apresentaremos as orações interrogativas aqui, para melhor evidenciar o seu funcionamento em comparação com as orações declarativas, acima. Mais adiante, essas orações serão observadas do ponto de vista da teoria da Regência e Vinculação que será a base para a discussão da posição das categorias nessa língua.

Constatamos, através dos dados lingüísticos do Katukina, que a interrogação na língua não conta com o recurso da entonacionalidade, o que podemos ver nos exemplos (8,9,10,11) abaixo. Verificamos que a língua apresenta apenas uma partícula na oração que determina a interrogatividade.

Podemos verificar em seguida que outras línguas da família Pano também apresentam partículas nas orações interrogativas, mas não sabemos se a entonação faz parte ou não desse mecanismo como no Katukina, ou ainda se há diferença entre as orações interrogativas polares e as não polares.

Vejamos alguns exemplos onde é representada a curva entoacional:

(8) ʃunpa pati aki

mamão estar maduro

'O mamão está maduro'

(9) ʃunpa ra pati aki

mamão inter. estar maduro

'O mamão está maduro?'

(10) kanka ra hunʒin ai

abacaxi int. estar vermelho

'O abacaxi está maduro?'

(11) kankan hunʒin ai

abacaxi estar vermelho

'O abacaxi está maduro'

Considerando, a partir dos exemplos acima, que apenas a partícula /ra/ é que distingue as orações declarativas das interrogativas, passaremos a analisar apenas essas últimas e vamos nos preocupar com o seu comportamento.

Para melhor observar o comportamento desta partícula, vamos dividir as interrogativas em polares (diretas) e não polares (indiretas). Estamos entendendo por interrogativa polar aquela que espera como resposta o sim ou o não. A não polar, por sua vez, exige uma resposta mais complexa, ou seja, mais esclarecedora que apenas afirmar ou negar, como é o caso da polar.

Essa divisão das interrogativas em polar e não

polar servirá no momento apenas para descrever melhor as estruturas interrogativas, mostrando que não há diferença entre elas nessa língua.

Num segundo momento, permitirá propormos uma análise da categoria COMP no Katukina (IV.6).

Observemos agora os exemplos de orações polares:

(12) mia ɾa naʃikai
você int. tomar banho
'Você vai tomar banho?'

(13) mai ɾa naʃikai
Maĩ int. tomar banho
'O Maĩ vai tomar banho?'

(14) mia ɾa aɹβu hiwiai
você int. mulher gostar
'Você gosta dela?'

(15) mani ɾa hunʒin
banana int. estar vermelho
'A banana está madura?'

Observando os dados acima, podemos constatar que a partícula interrogativa /ɾa/ está seguindo o SN Sujeito da oração. Vejamos abaixo, os exemplos de interrogativas não polares, pois através destes poderemos confirmar o lugar apropriado da partícula /ɾa/ aparecer na oração.

(16) hantu-ra mia rakata ai

onde int. você morar pres.

'Onde você mora?'

(17) tua - ra ɨa hiwi ai

quem int. eu gostar pres.

'Quem gosta de mim?'

(18) tua - ra naʃi kai

quem int. tomar banho fut.

'Quem tomará banho?'

(19) hantu-ra min kanti iki

qual int. seu arco término de oração

'Qual é o seu arco?' ou

'Onde estará o seu arco?'

(20) hawɨti-ra maʃin tuka haβikai iki

quando int. Machi rede terminar

'Quando Machi vai terminar a rede?'

(21) hawɨ-ra main ai iki

o que int. Maĩn pres. #

'O que é que Maĩ está fazendo?'

(22) hankistuna-ra min wain-ka ma βai [2]

por que int. você roça ir não

'Por que você não foi à roça?'

Como pudemos ver através dos dados das interrogativas, não há diferença entre as polares e as não polares. A partícula /ɾa/ é responsável pelos dois tipos de interrogação no Katukina.

Comparando esses dois tipos de interrogação,vemos que o /ɾa/ não vem obrigatoriamente depois do sujeito, mas sim depois do primeiro elemento lexical da oração interrogativa.

Durante nosso estudo sobre o Katukina, tivemos oportunidade de ver outras formas de marcar interrogatividade em outras línguas Pano que apresentam partículas de interrogação como no Katukina.

Vejamos alguns dados de uma língua peruana, o Sharanahua (Scott, 1973):

(23) min chasho rutu-a-man-mum
tu veado matar compl. neg. interrog.
'Você não matou um veado?'

(24) min pi-i-mun
tu comer continuativo inter.
'Você está comendo?'

(25) ʧsoan-mun chasho rutu-a-guin
quem inter. veado matar compl. term.
'Quem matou veado?'

Nessa língua vemos que a partícula /mun/ é a responsável pela interrogação, mas nos exemplos (23)e(24), de natureza polar, partícula interrogativa não

pela quantidade de dados que tínhamos que apontavam nesta direção e, ainda, por serem, coincidentemente, os primeiros dados onde encontramos esse sufixo.

Ilustramos esta primeira hipótese, a do caso genitivo [3], com alguns dados que nos pareceram relevantes na ocasião:

(26) ɬa-n kaman anipa
eu-n cachorro grande
'Meu cachorro é grande'

(27) ɬa-n βuu anipa
eu-n cabelo grande
'Meu cabelo é grande'

(28) ɬa-n ʂuβu ɬuki
eu-n casa longe
'Minha casa fica longe'

(29) ɬa-n ɬuka ʃinia
eu-n rede velha
"Minha rede está velha'

(30) kuka-n piɬi oɬipa
tio-n comida muita
'O tio tem muita comida'

(31) papa-n amu anipa
pai-n laterna grande
'A lanterna do papai é grande'

(32) nukĩ-n ʂuβu

nôs-n casa

'Nossa casa'

(33) haa-n ʈai

ele-n pé

'Pé dele'

(34) aʃβu-n ʈaɾi

mulher-n vestido

'Vestido de mulher'

(35) nii-n kanʈi

Nii-n arco

'Arco do Nii'

IV.2.2. Caso de Ergatividade

Sabemos que, em relação à transitividade, existem dois tipos de línguas: as do tipo nominativo e as do tipo ergativo. As do tipo nominativo são aquelas em que o sujeito da oração transitiva é expresso do mesmo modo que o sujeito da oração intransitiva, e o objeto é tratado diferentemente. Nas do tipo ergativo, o objeto da oração transitiva é expresso do mesmo modo que o sujeito da oração intransitiva, e o sujeito é tratado diferentemente. Assim, o Katukina se identifica com a segunda hipótese, podemos classificá-la como do tipo ergativo, tomando o sufixo -n como marca dessa ergatividade.Se observarmos

(32) nuki-n ʂuβu

nós-n casa

'Nossa casa'

(33) haa-n ʈai

ele-n pé

'Pé dele'

(34) aɟβu-n ʈaɾi

mulher-n vestido

'Vestido de mulher'

(35) nɨi-n kanʈi

Nii-n arco

'Arco do Nii'

IV.2.2. Caso de Ergatividade

Sabemos que, em relação à transitividade, existem dois tipos de línguas: as do tipo nominativo e as do tipo ergativo. As do tipo nominativo são aquelas em que o sujeito da oração transitiva é expresso do mesmo modo que o sujeito da oração intransitiva, e o objeto é tratado diferentemente. Nas do tipo ergativo, o objeto da oração transitiva é expresso do mesmo modo que o sujeito da oração intransitiva, e o sujeito é tratado diferentemente. Assim, o Katukina se identifica com o segundo tipo é, portanto, uma língua ergativa, em que o sufixo -n como marca dessa ergatividade.Se observarmos

os exemplos abaixo, parece-nos fazer sentido esta hipóte se, o que, ainda, não derruba a nossa primeira.

a) Orações Transitivas:

(36) jaka-n atʂa sati ai
jaka-n mandioca cozinhar pres.
'Jaka está cozinhando mandioca'

(37) aʝβu-n mani βiika pai
mulher-n banana buscar pres.
'A mulher buscou banana'

(38) ɬa-n kaman ja
eu-n cachorro ter
'Eu tenho cachorro'

(39) ɬa-n ʃumpa pipa iki
eu-n mamão comer
'Eu comi mamão'

(40) ɬa-n ɬuma kaski ai
eu-n cuia quebrar pres.
'Eu quebrei a cuia'

b) Orações Bitransitivas:

(41) ɬupa-n ʧani pia inja βai
Tupa-n Tiani flecha dar pas.
'Tupa-n deu flecha para Tiani'

(42) kaβi-n nunta ɾitaiʃi kiɾiɾa ai

Kavi-n Nunda perna coçar pres.

'Kavi está coçando a perna do Nunda'

(43) nuki-n aɟβu tari ʃua ai

Nós-n mulher vestido costurar pres.

'Nós costuramos vestido para ela'

c) Orações Intransitivas:

(44) nunta ka βai

Nunda sair pass.

'O Nunda saiu'

(45) tuka tarasi βai

Rede rasgar pass.

'A rede rasgou'

(46) tuma paki βai

Cuia cair pass.

'A cuia caiu'

(47) nii munute ai

Nii dançar pres.

'O Nii dança'

Observando os exemplos de orações transitivas e bitransitivas em comparação com as intransitivas,daria para dizer que o sufixo -n é uma marca de caso ergativo. E ainda, como já dissemos, marcaria caso genitivo também,

mas encontramos outros dados que nos forçariam a dar mais uma outra função para este sufixo, que seria a de marcar complemento indireto. Vejamos abaixo essa outra função.

IV.2.3. Sintagmas Adverbiais

Considerando uma terceira hipótese, que não anula as duas anteriores, o sufixo -n marcaria sintagmas Adverbiais, os quais poderiam ser instrumentos, companhia, lugar e outros. Essa função seria procedente, a princípio, se considerarmos os exemplos abaixo:

(48) nii pia-n tsatsa akika ai
Nii flecha-n peixe pescar pres.
"Nii pesca peixe com flecha'

(49) tsatsa waka-n
Peixe água
'O peixe está na água'

(50) kana wai-n ifa βai
Kana roça-n ir pass.
'Kana foi à roça'

(51) nuki riki-n atiʂa ai
Nós nariz-n respirar pres.
'Gente respira pelo nariz'

(52) nii maʃi-n wini kai
Nii Machi-n casar fut.
'Nii vai casar com Machi'

IV.3. Os Tempos Lógicos

Apesar de ser evidente que para fazermos qualquer afirmação sobre os tempos verbais do Katukina teríamos que ter aprofundado mais nossas análises, achamos conveniente apresentar o que nos foi possível concluir, até o momento, sobre o nosso estudo. Assim sendo, verificamos que a língua Katukina apresenta distinção morfológica apenas nos tempos lógicos[4]. Esses tempos são chamados por Castilho (1961) de tempos absolutos, que são referentes ao presente, passado e futuro.

Essas distinções morfológicas entre os tempos lógicos podem ser observados abaixo, onde apresentaremos dois exemplos referentes a cada tempo:

(55) mani hunʃin ai
banana vermelha pres.
'A banana está madura'

(56) aɟβi ia hiwi ai
mulher eu gostar pres.
'Ela gosta de mim'

(57) mia-ra junka pi βai
você inter. goiaba comer pass.
'Você comeu goiaba?'

(58) huni yanta kaka βai
homem ontem sair pass.
'O homem saiu ontem'

(59) mia-ra yunka pi-kaí

você inter. goiaba comer fut.

'Você vai comer goiaba?'

(60) kujuska nĩ-kaí

eles(todos) mato fut.

'Eles vão caçar'

De acordo com o que dissemos na morfologia (II.2.2), o verbo não é, em princípio, um termo de característica diferenciada dos demais termos lexicais da língua. E isso podemos observar nos dados acima. Mas nesse item do capítulo, estamos preocupados apenas com a partícula responsável pelo tempo lógico. Em relação a isso, o que podemos verificar é que ela ocorre no final da oração.

Ao observar os exemplos, vimos que, se o que estamos chamando de verbo no Katukina tem comportamento semelhante a qualquer outro item lexical, podemos levantar a hipótese de que estruturalmente a partícula que marca os tempos lógicos pode ser independente do verbo (IV.4).

As partículas que observamos nos exemplos podem ser representados no seguinte quadro:

Tempo Lógico	Termo Lexical	Marca de Tempo Lógico
Presente	±V	aí
Passado	±V	βaí
Futuro	±V	kaí

Fica claro nos exemplos seguintes que a marca morfológica ocorre mesmo quando não aparece verbo na estrutura oracional, isto é, ela está presente mesmo quando não tem um termo ao qual se possa atribuir a função de verbo:

(61) βunsi ɟumɨ ɾaβi ai
Vunzi filho dupla pres.
'Vunzi tem dois filhos'

(62) haa ʈuʃta kuin βai
Ele sujo intensificador pass.
'Ele estava sujo'

(63) wia waka ɾuapa ai
roça água bom pres.
'Prá roça é bom água'

(64) ɨa-n naʃa βai ɾunu anipa βai
eu *veneno pas. cobra grande pass.
'A cobra que me mordeu era grande'

* Não estamos seguros deste item lexical.

IV.4. Marca de Fecho nas Sentenças

No Katukina pudemos observar que no final de um enunciado tem uma partícula que parece ter a função exclusiva de fechar a idéia expressa. Essa partícula se manifesta morfologicamente como /iki/.

Apesar de nossos dados serem limitados e nos parecer precipitado levantar essa hipótese de fecho, verificamos que o número de exemplos que apontam nessa direção são de significado muito relevante. Além do mais, vimos que outras línguas Pano também apresentam, morfologicamente, um fecho da idéia expressa.

Quanto ao aparecimento do /iki/ no final do enunciado, ele comumente se manifesta quando não se faz necessário expressar tempo lógico ou quando temos um adjunto adverbial de tempo; mas é possível ela se manifestar depois da marcação de tempo lógico. Vejamos os exemplos abaixo que apresentam a partícula /iki/:

(65) hantu-ra mai kaɨ iki
onde inter. Maĩ ir ##
'Onde o Maĩ vai?'

(66) ia-n mani pipa iki
eu-n banana comer ##
'Eu comi banana'

(67) ɨua-ra niiɨi kai iki
quem inter. caçar fut.##
'Quem vai caçar?'

(68) ɨanku ɓaɨi uɨi iki
tartaruga ovo muito ##
'A tartaruga tem muito ovo'

(69) ia min ɬuka yanta aβia iki
eu sua rede ontem terminar ##
'Eu terminei sua rede ontem'

(70) ia janta nii kaman iki
eu ontem mato onça(cachorro) ##
'Eu fui caçar (onça) ontem'

(71) uʃi niβari ja-ma iki
lua hoje ter não
'A lua hoje não apareceu'

Quanto à uma marca morfológica ter função de fe cho no enunciado, podemos citar outra língua Pano do Peru, o Capanáhua, que nos dados de Loos (1973) apresenta uma partícula que tem função semelhante à do /iki/ do Katukina. Essa partícula do Capanáhua também se assemelha morfo logicamente com a nossa língua em estudo, e para melhor evidenciar esta questão transcrevemos abaixo três exem plos do Capanáhua, para ilustrar nossa análise do fecho no Katukina.

(72) mapeɬ.ipi. sh. qui.
subir pas. 3º sing.##
'Subiu'

(73) pi. ma. hipi. sh. qui.
comer caus. pas. 3º sing.##
'Ele alimentou' 'Ele comeu'

(74) jaan ta hea paan pi ma hi qui
ele performativo eu pão comer caus.pres.#
'Ele me dá de comer pão'

IV.5. A Ordem dos Constituintes

Durante nossos estudos, verificamos que os constituintes da oração no Katukina não têm ordem livre e,de acordo com o que discutimos em (II.2), isso parece ser uma conseqüência natural, já que, se os nossos dados corresponderem à realidade, os termos lexicais não têm sempre uma marca morfológica capaz de lhes atribuir funções, e nem tampouco apresentam qualquer marca inerente para facilitar sua classificação.

Admitindo como certo o que afirmamos a respeito do termo lexical, torna-se uma condição necessária para o Katukina que a ordem dos constituintes seja fixa , pois, se é a posição do termo lexical que lhe atribui a função, é a ordem que irá garantir a interpretabilidade da oração. Apresentaremos a seguir alguns exemplos que evidenciam serem as orações gramaticais aquelas que o SN-sujeito antecede o predicado, o SN-objeto precede imediatamente o verbo e este só poderá ir no final da sentença. Caso não seja obedecida esta regra (SN-sujeito + SN-objeto + V) a oração será reconhecida como gramatical na língua, ou, na melhor das hipóteses, poderá ser interpretada diferentemente da gramatical. Isso fica mais claro quando observamos os exemplos (75 a 80), a seguir, onde alternamos SN-sujeito e SN-objeto.

(75) nukɨ mia hiwi ai

nós você gostar pres.

'Nós gostamos de você'

(76) mia nukɨ hiwi ai

você nós gostar pres.

'Você gosta de nós'

(77) ajβu kari akika βai

mulher batata buscar pas.

'A mulher buscou batata'

(78) kari ajβu akika βai

batata mulher buscar pas.

* 'A batata buscou mulher'

(79) kijuska nii kai

eles mato fut.

'Eles vão caçar'

(80) nii kijuska kai

mato eles fut.

*'Mato (estão ou são) eles'

Vejamos uma outra seqüência de exemplos onde o verbo é o mesmo e nos quais alteramos apenas o SN - sujeito e o SN-objeto; vale observar também que, nesses dados abaixo, o verbo não sofre nenhuma mudança.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

(81) kujuska hatun hiwi ai

eles (todos) vocês gostar pres.

'Eles gostam de vocês'

(82) hatun-ra ia hiwi ai

vocês int. eu gostar pres.

'Vocês gostam de mim?'

(83) ia mia hiwi ai

eu você gostar pres.

'Eu gosto de vocês'

(84) mia-ra ia hiwi ai

você int. eu gostar pres.

'Você gosta de mim?'

(85) haa ia hiwi ai

ele eu gostar pres.

'Ele gosta de mim'

(86) haa nukɨ hiwi ai

ele nós gostar pres.

'Ele gosta de nós'

IV.5.1. O Parâmetro de Ordem das Palavras e a Tipologia do Katukina

De acordo com o que apresentamos no Capítulo III, os elementos lexicais não podem aparecer em uma

estrutura de frase qualquer sem que estejam, de algum modo, legitimados pelo princípio de interpretação Plena . Nessas condições, as teorias do léxico, X, e das funções, , determinam que elementos lexicais podem aparecer na projeção máxima, mas, ainda, é necessário resolver a questão da ordem desses elementos.

Travis (1984), no seu estudo sobre a ordem das palavras, discute a questão da posição final ou inicial dos núcleos numa língua dada e a ordem que as projeções máximas devem ter em relação uma à outra.

Greenberg (1963) mostrou que as línguas V-O tendem a ser preposicionais (P-SN) enquanto que as línguas O-V tendem a ser posposicionais (SN-P).

As línguas são consideradas como sendo de núcleo inicial ou final com base na posição do verbo. Assim sendo, as línguas de núcleo inicial são aquelas que têm o verbo antes do objeto (V-O). Quanto às línguas de núcleo final, são aquelas que o verbo vem depois do objeto (O-V).

Essa questão é exemplificada no estudo de Travis (1984) com duas línguas, o Malaio e o Japonês. Aproveitamos para a nossa análise os exemplos dessas duas línguas, para ilustrar a questão do núcleo. Nelas, constata-se uma total regularidade na ordem entre os núcleos e seus complementos[5]:

(A) Malaio: V-O-S

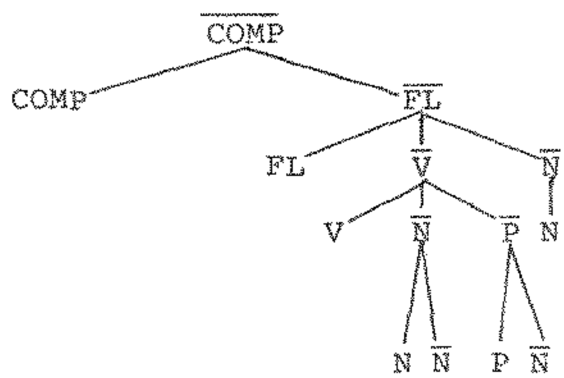
$\overline{COMP}$ —— COM...

$\overline{FL}$ —— FL ...

$\overline{V}$ —— V ...

$\overline{N}$ —— N ...

etc.



(87) fa manons..ny bokin'ny mpianata ho an'ny ankiri noro

ele dar+pres. o livro o estudante para a criança Noro

...'o Noro dá o livro do estudante para a criança'

$[_{\overline{COMP}}\ [_{\overline{FL}}\ [_{\overline{V}}\ V\ [_{\overline{N}}\ N]]\ [_{\overline{P}}\ P\overline{N}]]\ [_{\overline{N}}\ N]]]$

(B) Japonês: S-O-V

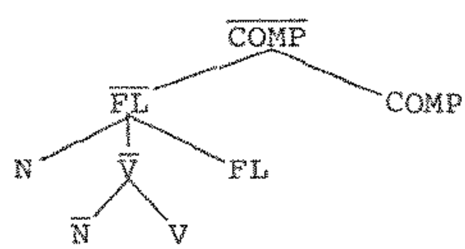
$\overline{COMP}$ —— ...COMP

$\overline{FL}$ —— ...FL

$\overline{V}$ —— ...V

$\overline{N}$ —— ...N

etc.



(88) Izumi-ga hiroko-kara tegami-o morat-te (koto)

Izumi-Nom Hiroko-de carta-Ac receber-pas (o fato de)

'(O fato que) Izumi recebeu uma carta de Hiroko'

$[\underbrace{\quad}_{\overline{COMP}}\ [\underbrace{\quad}_{\overline{FL}}\ \underbrace{\bar{N}[\ \bar{N}V]}_{\bar{V}}\ FL]\ COMP]$

O Katukina, apesar de ser uma língua predominantemente de núcleo final, não apresenta uma regularidade tão grande, como se vê no esquema e na árvore abaixo, baseados nas análises que apresentamos na seqüência deste Capítulo.

(C) Katukina: S-O-V

$\overline{\overline{COMP}}$ — $\overline{COMP}$...

$\overline{COMP}$ — COMP...

$\overline{\overline{FL}}$ — ...$\overline{FL}$

$\overline{FL}$ — ...FL

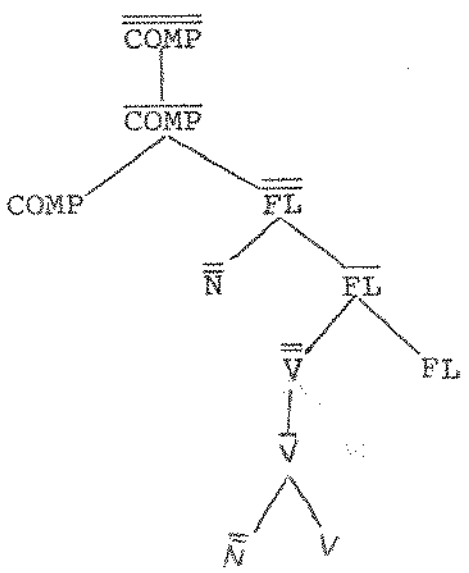
$\bar{\bar{V}}$ — ...$\bar{V}$

$\bar{V}$ — ...V

$\bar{\bar{N}}$ — ...$\bar{N}$

$\bar{N}$ — ...N

etc.



(89) kana mani pi βai

Kana banana comer pas.

'Kana comeu banana'

$[_{\overline{\overline{COMP}}}[_{\overline{COMP}}\ COMP][_{\overline{\overline{FL}}}\overline{\overline{N}}[_{\overline{FL}}\ [_{\overline{\overline{V}}}\overline{\overline{N}}V]FL]]]$

Analisaremos a seguir os diversos casos de ordem núcleo-complemento.

IV.5.1.1. Os Constituintes de $\overline{\overline{V}}$

No decorrer de nossas análises, observamos que no Katukina os constituintes nominais de $\overline{\overline{V}}$ estão sempre à esquerda do núcleo (V). Nessa língua, não é permitido nenhum elemento lexical depois do núcleo de $\overline{\overline{V}}$(6), o que parece ter ligação com sua natureza de língua SOV, e que não tem ordem livre.

Os Constituintes de $\overline{\overline{V}}$ só podem ser $\overline{\overline{N}}$-objeto direto e indireto. Esses $\overline{\overline{N}}$s precisam estar definido quanto a alguns pontos, tais como: qual a ordem obedecida por eles em relação ao núcleo de $\overline{\overline{V}}$?; há algum elemento entre o $\overline{\overline{N}}$-objeto indireto e o V?; e, no caso de se ter dois $\overline{\overline{N}}$s objeto indireto, como se define a posição? Essas e outras questões devem ser esclarecidas para melhor se entender o que são os constituintes de $\overline{\overline{V}}$.

Começando por dizer que o $\overline{\overline{N}}$-objeto direto (OD) antecede imediatamente o V e que o $\overline{\overline{N}}$-objeto indireto (OI), a princípio, aparecerá somente antes do $\overline{\overline{N}}$-OD. Mas quando

tiver mais de um $\bar{\bar{N}}$-OI, um subcategorizado e outro não - subcategorizado, o primeiro virá antes do $\bar{\bar{N}}$-OD, e eles não terão uma relação de irmandade. O $\bar{\bar{N}}$-OI subcategorizado será irmão de $\bar{\bar{V}}$. Quanto ao segundo, o $\bar{\bar{N}}$-OI não- subcategorizado, deverá ser irmão de $\bar{\bar{V}}$ e ao mesmo tempo constituinte imediato de $\bar{\bar{V}}$.

Uma outra questão que deve ser evidenciada é concernente ao $\bar{\bar{N}}$-OI e o verbo.

Sabemos que nas línguas que se caracterizam tipologicamente como SOV espera-se encontrar posposição, e não preposição, para identificar os objetos indiretos e outros complementos. Teríamos que poder identificar os objetos indiretos através de algum elemento. Mas conforme comentamos no Capítulo II, o Katukina não apresenta evidências para classificar os termos lexicais; o que garante a interpretação é apenas a ordem com a qual esses são distribuídos na sentença. Dessa forma, não há posposição no Katukina[7], como veremos nos exemplos abaixo:

(90) kana iwa ɨtʃan βai
Kana roça ir pas.
'Kana foi à roça'

(91) ɨa kujuska βatʃinjana kai
eu eles(todos) brigar fut.
'Eu vou brigar com eles'

(92) mia-ra ɨikiʃi βai
você inter. preguiça pas.
'Você estava com preguiça?'

(93) nuk+ mia ŧari saʃu ai

nós você roupa costurar pres.

'Nós costuramos roupa para você'

(94) ia ŧakara nami piʃŧʃa pipa iki

eu galináceo carne pequeno comer

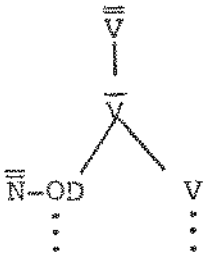
'Eu como um pedaço de carne de galinha'

De acordo com esses dados, vemos que não há posposição no Katukina. Os constituintes nominais de $\bar{\bar{V}}$ são os $\bar{N}$s-objetos (direto e indireto), os quais o antecedem, sendo que o $\bar{N}$-OD é constituinte imediato de $\bar{V}$ e o $\bar{N}$-OI constituinte de $\bar{V}$. Vejamos alguns exemplos de orações com objeto direto ou objeto indireto:

(95) kapi mani pi βai

Kapi banana comer pas.

'Kapi comeu banana'



$[_{\bar{\bar{V}}}[_{\bar{\bar{V}}}[\bar{\bar{N}}\text{-OD}][V]]]$

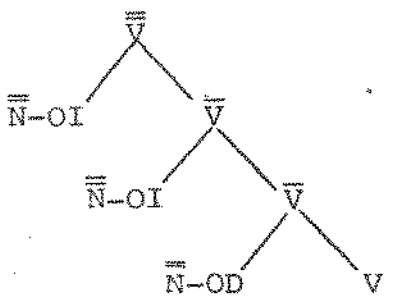
(96) ŧʃani-n mai pia inja βai

Tiani-n Mai flecha dar pas.

'Tiani deu flecha para o Mai'

(97) ɬa jumɬ muβi ɾiɾa βai
eu menino mão cortar pas.
'Eu cortei a mão do menino'

(98) hatu-βu janta iwa itʃan βai
eles- (6) ontem roça ir pas.
'Eles foram à roça ontem'



IV.5.1.2. Os Constituintes de $\overline{\overline{FL}}$

Os constituintes de $\overline{\overline{FL}}$ são o sujeito e o predicado ($\overline{\overline{N}}$ e $\overline{\overline{V}}$). No Katukina, o núcleo de $\overline{\overline{FL}}$ é preenchido pela marca de tempo lógico (ai, βai e kai) e/ou pela marca de fecho da sentença (iki).

Se admitirmos que as marcas de tempos lógicos e de fecho de sentença são dominadas por $\overline{\overline{FL}}$, temos a ordem esperada pela literatura teórica: FL, que é o núcleo, está na posição final de sua projeção máxima.

O tipo de relação de $\overline{\overline{FL}}$ com $\overline{\overline{N}}$ é a de que $\overline{\overline{FL}}$ atribui caso por co-indexação, mas isso implica, normalmente, em uma relação de concordância. Como já esclarecemos anteriormente que o Katukina não tem concordância, fica claro então que a relação pertinente é somente a relação

de predicação.

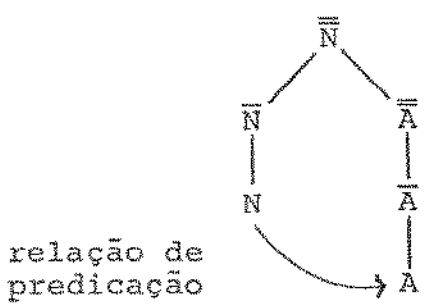
É interessante colocar aqui que a relação estabelecida entre nome e adjetivo, que é interpretado por predicação, no Katukina se dá da esquerda para a direita. Isso reforça nossa hipótese sobre o tipo de relação que se dá entre FL e NP-sujeito. Vejamos alguns exemplos com adjetivo e o esquema da relação de predicação:

(99) huni tai tʃanpiʃtʃa
homem pé pequeno
'O homem tem pé pequeno'

(100) kuki ʃinia
cesta velha
'A cesta velha'

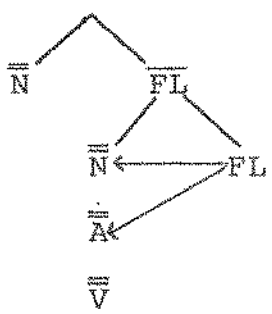
(101) aʃβu pantʃu anipa
mulher orelha grande
'A mulher tem orelha grande'

(102) huni ʃinia mapu uʃu
homem velho cabeça branco
'Homem velho tem cabeça branca'



Considerando dados como (104), onde adjetivo precede a marca de tempo lógico, podemos colocar uma outra questão que diz respeito ao objeto de FL.

Observamos que no Katukina não é só o verbo que pode ser objeto de FL, mas também o nome e o adjetivo ($\overline{\overline{N}}$, $\overline{\overline{A}}$ e $\overline{\overline{V}}$). Temos, assim, a seguinte estrutura:



Essa estrutura pode ser checada a partir dos exemplos que se seguem:

(103) ɬa ɾama nĩ kaĩ
eu agora mato fut.
'Agora eu vou caçar'

(104) aɻβu ɾuapa βaĩ
mulher bonita pas.
'A mulher era bonita'

IV.6. As Construções Interrogativas

De acordo com o que apresentamos em (1.2) deste capítulo, o traço entoacional não é um traço distintivo entre as orações interrogativas e declarativas. Vimos que

o que difere nessas construções é somente a marca morfológica -ɾa que se manifesta nas orações interrogativas, mas não nas declarativas.

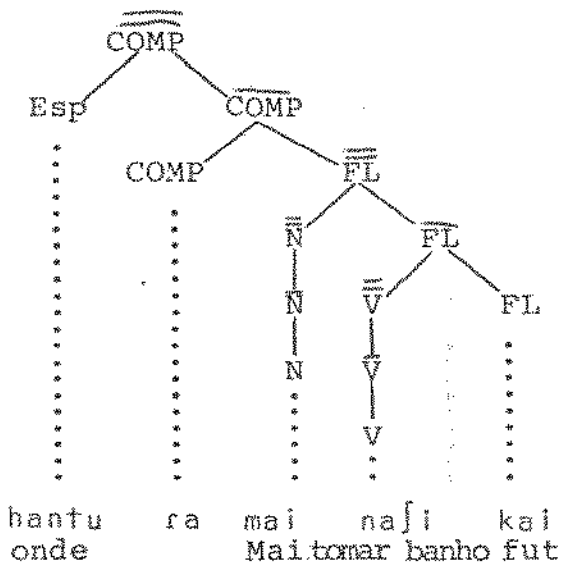
Podemos apreciar melhor esse morfema[8], verificando as orações interrogativas polares em comparação com as não-polares, pois é através delas que se torna possível chcar a posição real do -ɾa. Essa questão será analisada nos subitens abaixo.

IV.6.1. Sintagmas_QU

Observemos as orações interrogativas não-polares em primeiro lugar. Esse tipo de oração nos evidencia que nessa língua o COMP é preenchido pelo -ɾa e que se manifesta depois do sintagma_QU. Vejamos a estrutura (A) em que isso é representado em uma árvore.

(105) hantu-ɾa mai naʃi kai
onde inter. Mai tomar banho fut.
'Onde o Mai vai tomar banho?'

(A)



[____[hantu][____[ɾa][__[_[_[mai]]]][__[_[_[naʃi]]]][kai]]]]]
COMP Esp COMP COMP FL N N N FL V V V FL

Considerando que o COMP é preenchido no Katukina e que o mesmo se manifesta depois do sintagma_QU, temos dois problemas para resolver: (1) onde o núcleo de COMP aparecerá quando a oração interrogativa não apresentar um sintagma_QU? (2) O que nessa língua pode ser chamado de sintagma_QU? E ainda poderíamos ter um terceiro, (3) nas orações relativas, onde o sintagma_QU se manifestará?

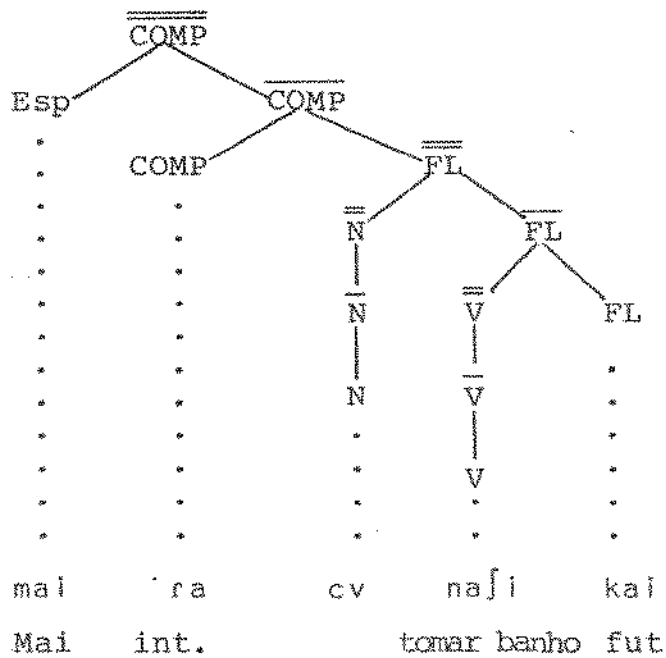
O primeiro problema podemos resolver utilizando um exemplo de oração interrogativa polar como nesse tipo de oração não há sintagma_QU, o -ra deverá aparecer em algum lugar. Vejamos a estrutura (B):

(106) mai-ra naʃi kai

Mai inter. tomar banho fut.

'Mai vai tomar banho?'

(B)



[___[mai]][___[ra][__[cv][__[_[_[naʃi]]][kai]]]]]
COMP Esp(N) COMP COMP FL N FL V V V FL

O que podemos ver na estrutura (B) de uma oração

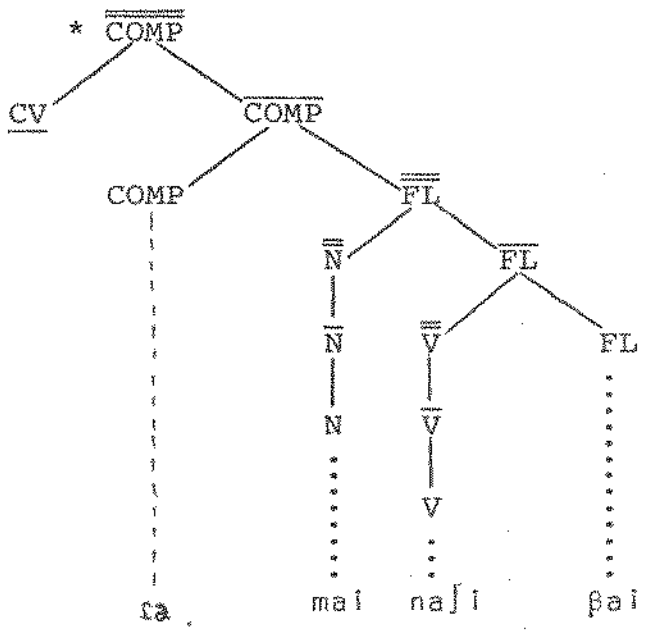
interrogativa polar é a resolução do primeiro problema . Observemos que o -ɾa continua no seu mesmo lugar; na au sência de um sintagma_QU para ocupar a posição de especi ficador de $\overline{\overline{\text{COMP}}}$, faz-se necessário mover o primeiro ele mento da oração para essa posição.

Postulamos, conforme a teoria, que esse movimen to deixa uma categoria vazia na posição N-sujeito. Essa língua permite uma categoria vazia nessa posição, mas sem dúvida não permite o especificador vazio quando o COMP é preenchido. Assim, jamais teremos orações como:

((107)*ɾa mai naʃi βai

inter. Mai tomar banho pas.

'Mai foi tomar banho?'



Será também agramatical oração como a que re presentamos a seguir:

(108) *ɾa naʃi βaɪ

inter. tomar banho pas.

'Foi tomar banho?'

O que é relevante observar aqui é que a agramaticalidade da oração acima não provém da categoria vazia na posição de sujeito, já que é permitido uma oração declarativa com categoria vazia no lugar de sujeito (ver Nota 7), mas sim do não preenchimento do Especificador de $\overline{\text{COMP}}$.

Quanto ao segundo e ao terceiro problemas, podemos resolvê-los no próximo item, onde nos preocuparemos exclusivamente com os complementizadores. O que podemos adiantar desta questão é que os elementos que ocupam a posição de complementizador no Katukina sempre estarão no início da oração.

IV.6.2. Os Complementizadores

Observamos que no Katukina os sintagmas-QU [8] aparecem no início da oração, o que fica mais evidente quando o $\overline{\text{COMP}}$ tem núcleo preenchido, como é o caso das orações interrogativas. Apesar de esses sintagmas-QU só realizarem-se como interrogativas devido à partícula -ɾa, era de se esperar que nas orações relativas eles parecessem, mas o que não acontece. Eles se manifestam somente nas interrogativas e ocupando a posição de especificador de $\overline{\text{COMP}}$.

Achamos pertinente ilustrar essa questão com

exemplos de orações relativas. Segue o exemplo:

(109) ɨa naʃa βai ɾanu anipa βai
eu morder pas. cobra grande pas.
'A cobra que me mordeu era grande'

Podemos dizer que as orações relativas se realizam pelo processo de justaposição sem nenhuma marca como o demonstra o exemplo acima.

IV.6.3. Princípios e Pressupostos de Tipologia

Segundo Brandon e Seki (1981), quatro tipos de línguas podem ser propostos com base em alguns pressupostos e princípios de tipologia. A proposta é fundamentada na localização de COMP e sintagmas-QU.

Eles esquematizam esses quatro tipos de línguas da seguinte forma:

1) COMP é S-inicial e Q também;

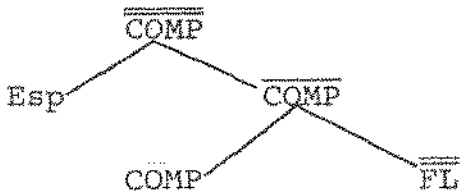
2) COMP não é S-inicial e Q também;

3) COMP não é S-inicial e Q é S-inicial;

4) COMP é S-inicial e Q não é S-inicial.

Para analisarmos esta questão temos que saber o que está sendo chamado de COMP e Q e o que significa ser S-inicial e não ser S-inicial. Assim, COMP é núcleo de $\overline{\overline{\text{COMP}}}$ e Q são os sintagmas-QU. Ser S-inicial ou não está relacionado à posição em que COMP e QU estão na oração (S).

Conforme nossas anãlises, o Katukina pode ser classificado como uma língua do tipo (1) onde COMP está no início da estrutura. Quanto aos sintagmas_QU, levantamos a hipótese de que são movidos de algum lugar para a posição inicial, já que eles só aparecem no início da oração e não podem ser gerados na posição de Esp de $\overline{\overline{COMP}}$, conforme as previsões da Teoria. Isso corresponde à seguinte estrutura:



Desta forma,coloca-se um problema em relação à ordem, já que FL encontra à direita de COMP e não à esquerda, como seria de se esperar numa língua de núcleo final (conforme o japonês retro). Esse problema será discutido agora.

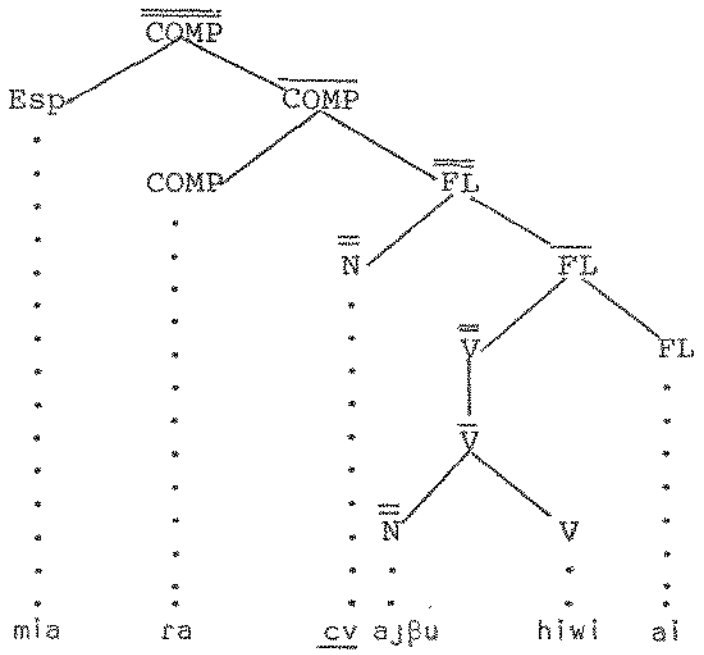
IV.6.4. A Posição de COMP e FL

De acordo com o que comentamos anteriormente , o COMP é uma categoria que, quando tem seu núcleo preenchido, estará obrigatoriamente com seu especificador também preenchido. Isso reforça nossa hipótese de que essa categoria é realmente inicial na sentença, já que o movimento será obrigatório para cobrir esta posição de especificador.

Daremos mais um exemplo para confirmar que o

COMP no Katukina, que é uma língua SOV, tem posição inicial e o FL final. Segue exemplo:

(110) mia-ra aɟβu hiwi ai
você inter. mulher gostar pres.
'Você gosta da mulher (dela)?'



[COMP [mia] [COMP [ra] [FL [cv] [FL [V [V [N aɟβu] [V hiwi]] [FL ai]]]]]]

Podemos fazer a hipótese de que a assimetria encontrada entre a ordem de COMP e FL, e a ordem dos outros núcleos com seus complementos é devida ao fato de que é relevante na estrutura acima não é uma relação de complementação entre COMP e FL, mas uma relação de predicação entre o elemento na posição de especificador de COMP e FL. Talvez seja por isso que as estruturas contendo -ra sãointerpretáveis se a posição de especificador estiver vazia.

CONCLUSÃO

Concluímos nessa dissertação que, apesar de não termos chegado à exaustão das análises na língua, nosso estudo poderá ser, de alguma forma, útil para o aprofundamento de análise de outras línguas da família Pano, ou não.

Durante nossos estudos dessa língua, vimos que ela é bastante simples e econômica a nível fonológico . Quanto à sua morfologia, percebemos alguns pontos interessantes, mas, mesmo assim, podemos concluir que ela é uma língua morfologicamente pobre dentro do que seria relevante para a análise sintática.

O Katukina,como outras línguas, Pano ou não , apresenta um morfema responsável pela interpretação interrogativa da oração, que se manifesta como -ra através do processo de sufixação ao primeiro elemento lexical da oração.

Encontramos uma marca de nasalidade que nos faz levantar várias hipóteses como marca de sujeito (gramatical, lógico, etc.), posse, transitividade e outras. Mas, de acordo com nossos dados, pudemos concluir que nenhuma dessas marcas realmente respondia ao que vinha a ser essa marca de nasalidade. Achamos prudente não decidir de forma radical, e sugerimos que essa marca seria de nível suprassegmental, a princípio, mesmo observando que as línguas Pano, em geral, são ergativas.

Verificamos que a língua Katukina é caracterizada tipologicamente como SOV e que a ordem dos constituintes da oração é fixa. Isso se deve a questões morfo

lógicas da língua, pois, como vimos, essa língua não permite que dividamos os termos lexicais em classes, sendo que o que os caracteriza, a princípio, é a posição que ocupam.

A língua apresenta apenas marca morfológica dos tempos absolutos, ou lógicos, que são: aí = pres.; βaí = pas.; e kaí = fut. Além dessas marcas, que preenchem a posição de núcleo de FL, temos uma outra, marcando fecho das sentenças, que é iki .

Uma outra conclusão a que chegamos é quanto à posição de COMP. Essa categoria funcional ocupa uma posição não prevista pela análise de Travis (1984). Para ela, as línguas SOV têm COMP final. Como atestam os dados aqui examinados, o Katukina, que é uma língua SOV, tem FL final e COMP inicial, isto é, COMP à esquerda e FL à direita.

Analisando as construções interrogativas,observamos que o Katukina não permite o Especificador de COMP vazio, quando seu núcleo está preenchido. Nessa situação, é obrigatório o movimento do $\bar{N}$-sujeito para a posição de Esp., porque se há um sintagma-QU para preenchê-lo, a categoria vazia não está autorizada.

Finalmente, cumpre lembrar que este é um trabalho de caráter apenas introdutório, preocupado antes em apresentar os dados de uma língua ágrafa absolutamente desconhecida quanto à sua sintaxe, do que propriamente discutir as limitações do quadro teórico utilizado para este estudo.

NOTAS FINAIS

CAPÍTULO I:

1. A palavra "pupunha" se refere a uma fruta nativa da região norte do Brasil, sendo que no Acre ela é uma das mais apreciadas pela população deste Estado;

2. "Porém eles são verdadeiramente Katukina? Eu estou ansioso por saber. Os verdadeiros Katukina, os Atekana, não se hesitar com as cores apagadas. Eles cobre todo o corpo de desenhos vermelho e preto, então esses desenhos duram mais de quinze dias, e eles os renovam e variam a cada manhã. Isso dá mais trabalho, porém bem mais elegante. Depois de romper o primeiro impacto, eu os abordei com a grave questão.

"— São vocês verdadeiramente Katukina? Que tipo de pessoas são vocês?

— Nós somos Katukina!

— Por que então falam a língua dos Kaxinawá? Não seriam vocês Kaxinawá?

— Nós, os Kaxinawá! Mas os Kaxinawá são nossos inimigos. Os Kaxinawá são os comedores de gente, os assassinos, os violentos, os preguiçosos. Nós somos gente brava, nós não fazemos mal a ninguém e nós somos trabalhadores: olhe nosso campo, nosso milho, nossa mandioca, nossas bananas.

— Mas por que então não falam a língua de outros Katukina: Hon-dyapa, Benh-dyapa, Wadyu paraminh dyapa, etc...? A qual dyapa pertencem vocês? Vocês não respondem? Isso é porque vocês não são Katukina.Não

seriam vocês Huni-Kuim (verdadeiros homens), como os Kaxinawã?

— Não, padre, nós nos chamamos Nuki (nouke), os homens.

— Bom! mas houve também um outro nome como os Kaxinawã (vampiros); os Poya-nãwa (sapo); os Chipi-nãwa (macaco); os Kapa-nãwa (esquilo); Mari-nãwa (cotia);etc.?"

CAPÍTULO II:

1. Temos um outro exemplo que vai de encontro com (a) e com (b):

kuinjanka-kai

intensificador = kuin

intens. + marca de superlativo absoluto = kuinjanka

marca de tempo lógico = kai

Esse exemplo ajuda a argumentar que a marca de tempo lógico não é especificamente ligada ao verbo. Ele parece ser autêntico por ser significativo em qualquer contexto, ou seja, independente do elemento lexical que o antecede.

Quanto à tradução do exemplo acima, só é possível em português se tiver uma outra palavra para completar seu significado na nossa língua. Isso vai de encontro a outras questões mais elaboradas, como categoria vazia de $\bar{\bar{V}}$, que não iremos trabalhar, no momento;

CAPÍTULO IV:

1. Analisando a estrutura das orações no Katukina , não fazemos qualquer referência das orações declarativas negativas. Essas marcas de nasalidades não seriam analisadas dentro do quadro teórico aqui utilizado neste trabalho;

2. Não estamos seguros deste dado, hankistuna:hankistuna-ra, pois ele se apresenta sem a marca ra interrogativa em vários contextos;

3. Nos dados onde temos ɨa-n 'eu' normalmente é usado o a-n quando o mesmo está na condição de marcador de posse. Asim, temos: ɨa:ɨa-n:an 'eu' ou 'meu';

4. No Katukina, observamos a ocorrência de apenas os marcadores de tempos lógicos, considerando outras línguas da família lingüística Pano, há possibilidade de encontrar outras marcas de tempo. Mas segundo nossos dados, temos somente três marcas na língua: ai , βai e kai (presente, passado e futuro);

5. Como podemos observar, as projeções máximas nas estruturas do Malaio e do Japonês estão com apenas uma barra . Isso se deve a questões da própria fonte , pois Travis (1984) as apresenta como está no interior do nosso trabalho. Parece que ela está usando apenas uma barra para simplificar seus exemplos. Quanto ao Katukina, estamos obedecendo a regra da teoria $\bar{X}$, que diz que a projeção máxima deve ser marcada com duas barras;

(6) De acordo com nossas análises da língua, encontramos o morfema -βu que trata-se, especificamente, de um sufixo que marca plural. Ele expressa a quantidade para mais de três, apenas para seres humanos;

(7) jumɬ pini kuinjanka βai uʃa kai
menino cansar intensificador pas. dormir fut.
'O menino estava tão cansado que foi dormir'

(8) No Katukina, parece ter somente elementos lexicais que poderiam ser classificados como advérbios ou adjetivos, e não como posposição. Vejamos alguns dados desta língua:

a) /maʂu/ 'baixo'

b) /ukɬ/ 'alto';'fundo'

c) /βiβui/ 'para frente'

d) /tʃɬpu / 'para trás'

e) /tuki/ 'longe'

f) /ɾami/ 'perto'

g) /mai βiuta/ 'embaixo'
terra junto

h) /ukɬ βiuta/ 'em cima'
alto junto

i) /βiuta/ 'junto'

j) /saβaki/ 'fora'

l) /nanita/ 'dentro'

BIBLIOGRAFIA

ABREU, João Capistrano de - Rã-txa hn-ni-Ku-Ĩ: a língua dos Caxinawá do Rio Ibuassu, afluente do Muru,... Briguiet, Rio de Janeiro, 1914.

AGUIAR, Maria Sueli de - "Os clãs dos índios Katukina". Cadernos de Estudos Lingüísticos, Instituto de Estudos da Linguagem, Departamento de Lingüística, nº 12,1987, pp. 43-48.

BARROS, L. GUIMARÃES - A nasalização vocálica e fonologia introdutória à língua Katukina (Pano). Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 1987.

BRANDON, Frank e Lucy Seki - "Uma nota sobre a natureza de COMP com Lingüística Universal"; Estudos Lingüísticos IV. Araraquara, 1981, pp. 288-300.

_____ - "Interrogativos e complementizadores em línguas Tupi". Estudos Lingüísticos V, São Paulo, 1981, pp. 107-114.

BRINTON, Daniel G. - The american race: a linguistic classification and ethhografic description of native tribes of North and South America. N.D.C. Hodges, New York, 1891.

CAGLIARI, Luiz C - Guia de transcrição fonética. UNICAMP, Campinas,1983 (xerox).

CASTILHO, Ataliba T. de - Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, Marília, 1968 (Coleção de Teses, nº 6).

CHOMSKY, Noam - Lectures on Government and Binding: the Pisa lectures. 2ª ed., Dordrecht, Foris, 1982.

_____ - La Nouvelle Sintaxe: concepts et conséquences de la théorie du government et du liage. Apresentação e comentários de Alain Rouveret. Editions du Seuil, Paris, 1987 (Col. Travaux Linguistiques).

_____ - Language and problems of knowledge: the Managua lectures. Massachusets Institute of Technology, Cambridge, 1988.

LOOS, Eugene E. - Estudios Pano I e II. Instituto Linguístico de Verano/Ministério de Educação, Yarinococha , 1983.

RADFORD, Andrew - Transformational syntax: a student's guide to Chomsky's Extended Standard Theory. 1ª ed., Cambridge University Press, Cambridge, 1981.

RIBEIRO, Darcy e Mary R. Wise - Los grupoos étnicos de la Amazonia peruana. Instituto Lingüístico de Verano, Lima, 1978.

RIEMSDIJK, H. van e E. Willians - Introduction to the theory of grammar. 2ª ed., The MIT Press, Cambridge,1986.

RIVET, P.S. e C. Tastevin - "Les dialectes Pano do Haut Juruá Purus". Anthropos, v. 22, Paris, 1927, pp. 811-827.

TASTEVIN, C. - Le "Riozinho da Liberdade". La Geographie, v. 24, Paris, 1929, pp. 489-516.

_____ - "Chez les indiens du haut Juruá". Les Missions Catholiques, vol. 56, Lyon, 1924, pp. 65-68, 78-80 e 90-93.

TRAVIS, Lisa de Mena - Parameters effects of word order variation. Tese de doutoramento, MIT, 1984.